

Nº 81

Ano XV

# SOMNIUM

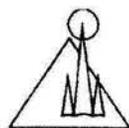
Publicação Oficial do  
Clube de Leitores de Ficção Científica



**Noticiário do fandom de FC, F&H**  
**Artigos - Resenhas - Contos**

# Índice

<b>Editorial</b>	<b>03</b>
<b>Mensagens dos Leitores</b>	<b>04</b>
<b>FC Internacional</b>	<b>04</b>
<b>FC nas Livrarias/Lançamentos</b>	<b>10</b>
<b>FC na Internet</b>	<b>14</b>
<b>Resenhas</b>	<b>15</b>
FCL      Quatro Andamentos	
Intempol - O livro	
<b>Ciência</b>	<b>20</b>
<b>Artigo</b>	<b>23</b>
"Por Dentro da Fórmula"	
por Ataíde Tartari	
<b>Contos</b>	<b>25</b>
"Amarelo e Vermelho"	
por Ivan Carlos Regina	
"Às Mãos do Ídolo"	
por Ricardo Christe, Carlos Orsi Martinho e Ricardo Madeira	
<b>Prêmio ARGOS 2001</b>	<b>31</b>
<b>Ilustrações</b>	
A. Kepler / "Bananofagia"	<b>capa</b>



**C.L.F.C. CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA**

1985



2001

### Reuniões mensais

- **São Paulo / SP** : Todo último sábado do mês, exceto Dezembro  
    Das 15h às 18h : Clube dos Engenheiros da RFFSA  
    R. José Paulino, 7 (Metro Luz)  
    Das 19h até o último sair (ou ser expulso) : Presto Pizza  
    R. Esmeralda, 39 (próx. ao Parque da Aclimação)
- **Rio de Janeiro / RJ** : Geralmente nos 3º sábados do mês  
    Das 16h até o último sair (ou acabar o catchup) : Pizzaria Parmê, no Largo do Machado

# SOMNIUM

**Número 81**  
**Mai./Jun. de 2001**

### **Editorias:**

**Social, Notícias e Internet**

Ataide Tartari

<atartari@uol.com.br>

### **FC Internacional**

Roberto Cesar do Nascimento

<rcnascimento@zipmail.com.br>

### **Artigos e Ciência**

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

### **Resenhas**

Roberto de Souza Causo

<rscauso@yahoo.com.br>

### **Livros, revistas & HQ**

César R. T. Silva

<cerito@mandic.com.br>

### **Geral e Contos**

Alfredo Franz Kepler Neto.

<akepple@attglobal.net>

### **Produção Gráfica e**

### **Gerência Comercial**

Humberto Fimiani

### **Arte, Diagramação e Revisão:**

Alfredo Franz Kepler Neto

Tiragem: 50 exemplares

*Somnium* é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria. O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 2000/2001 está composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e Matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

### **Correspondência:**

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

e-mail : [akepple@attglobal.net](mailto:akepple@attglobal.net)

## Editorial

### O Corinthians, o Paulo Coelho e os paquidermes

Antes de alguém reclamar que a chamada acima não passa de um mero truque para atrair a atenção dos leitores, devo deixar claro que é isso mesmo. Ou quase isso. Na verdade, trata-se de esquecer um pouco a cantilena dos problemas crônicos que têm afligido o nosso modesto Clube de Leitores de FC, para poder divagar sobre assuntos mais amenos, porém igualmente pertinentes aos nossos interesses.

Como a arte de escrever FC, por exemplo.

O assunto saiu durante um papo com um daqueles espécimes peculiares de hominídeos, um corintiano. A coisa começou pela FC, descambou para uma estéril discussão ludopédica sobre qual seria o melhor time, porém acabou convergindo no final, quando voltamos às lides literárias - descobrimos que tínhamos um ponto em comum: nenhum de nós entendia como é que o Paulo "O Mago" Coelho conseguiu tanto sucesso como escritor, mesmo sendo o escritor que é. Será que ele tem mesmo uma fórmula mágica? Ou quem sabe ele não teria lido um livro de auto-ajuda? Se existem pérolas do tipo "Como sair do buraco com uma pá e um sapo" (use a pá para enterrar o sapo), "Viva bem com a sua sogra" (dê o fora na filha e fique com a sogra), bem que poderia haver também algo voltado aos que buscam sucesso como escritor de FC - por mais improvável que seja, considerando que a FC é um ramo particularmente ingrato de uma profissão reconhecidamente ingrata, desde os tempos do rascunho da Bíblia.

Uma busca rápida na Internet revelou uma abundância de coisas interessantes, muito mais úteis do que as costumeiras platitudes e conselhos ociosos sobre as técnicas e truques do nobre ofício. Nesta edição do Somnium estão descritos alguns exemplos destes enderços, garimpados entre as dezenas de propostas disponíveis por especialistas em FC. Há neles uma pletora de informações e programas que auxiliam o pretendente a Construtor de Universos "hard" a não fazer feio com os seus ET's, naves, planetas, ecossistemas e demais aderços, encontra-se enfim um farto material de apoio para aliviar a sobrecarga mental da criação *ex nihili* do cenário e dos personagens - problema do qual não padecem os escritores que se dedicam a temas menos árduos e mais terrenos. Por exemplo, descobre-se num deles que ET's trissexuados devem ser extremamente raros, pelo princípio da economia da Natureza - se um ou dois já bastam para reproduzir a espécie, três é desperdício de recursos e espécies complicadas ou que desperdiçam recursos acabam durando pouco, suplantadas por outras mais eficientes.

Muito "hard", não é? É mesmo. E os leitores mais astutos irão notar que apesar da abundância e do requinte dos detalhes técnicos ofertados, todos estes sítios ainda ficam nos devendo o pulo do gato, o "algo mais" que produz nos leitores aquele UAU! de espanto, admiração e secreta inveja (*cum é quieu não pensei nisso antes?*). Sem entrar com muitas elucubrações, a razão desta aparente falha é simples: nada substitui o Talento e poucos se atrevem a pensar que ele possa ser ensinado, muito menos aprendido.

Não desanimem entretanto. É notório que no dia-a-dia os leitores não exigem doses mamutianas de Talento e são poucos os escritores consistentemente Talentosos: até os Grandes Nomes derrapam de vez em quando. E nem por isso deixam de vender bem ou de receber elogios da crítica.

Logo, vamos estudar, ler e insistir em escrever, mesmo que à custa de críticas devastadoras e da indiferença paquidérmica das massas ignaras. O esforço muitas vezes compensa.

E pensando bem, se o Paulo Coelho conseguiu, porque não eu?

O Editor

### Notícias da Corte

Prezado Kepler,

Acho plenamente compreensível que uma pessoa que ganha salário mínimo, ou pouco mais, não compre livros. Tudo bem que ela poderia ir em bibliotecas, mas muitas vezes ela não sabe nem o que é isso. O que me deixa chocado é que gente que ganha bem não dê a menor importância à leitura. Parece haver, nos dias de hoje, uma indisposição com a cultura em geral, como se esse enriquecimento pessoal fosse algo snob, de gente metida. Vê-se, em todas as classes, uma tendência a consumir mais e mais lixo cultural, despejado 24 horas por dia em forma programas de auditório, novelas, funks do Tigrão e afins. Dentro de um quadro desses, esperar que haja um público que leia FC está se tornando... FC! Ainda mais se observarmos o quanto um livro desse gênero pode ser exigente com o leitor: vide as obras do Brunner, PKD, Vonnegut, Gibson e outros. Kepler, chego a pensar que somos a última geração apreciadora da FC literária.

Mas, deixando de lado minhas elucubrações, e falando de pizza, já faz uns seis meses da última reunião na Germana. Além do quorum baixo, eu andei preocupado com outras coisas, incluindo a preparação para um concurso público.

Embora a atuação do CLFC aqui no DF esteja meio devagar, os fãs de FC e, em especial, de sci-fi, não estão podendo reclamar. Existem pelo menos três grupos ligados ao gênero atuando: o Sci-Fi Brasília, o DFX-Files e o Conselho Jedi - DF. Semana passada houve encontro excr e sci-fi (este inclusive com uma palestra sobre inteligência artificial, muito interessante), e amanhã haverá reunião do CJDF. Sou mais ligado ao Sci-Fi BSB, onde já encontrei várias pessoas que gostam FC literária, incluindo o Dario e outros do CLFC. *(Fernando Dominguez)*

Kepler,

Quanto ao CLFC/DF, os únicos membros efetivos somos apenas eu e o Fernando (Fernando, do you copy?) mesmo e continuamos nos encontrando com razoável frequência, mas as pizzas ficaram em uma dimensão paralela. Quanto a movimentação da cidade, há um número razoável de pessoas que gosta de fc e realizam encontros periódicos, mas são fãs de Star Trek, Arquivo X, Star Wars, Babylon 5 e similares, em especial de Arquivo X. Deve ter alguma coisa a ver com a proximidade do Pudê. O pessoal da Pasta Z, criado pelo Causo, deve estar bem ocupado por esses dias em que seres de outras dimensões se apossaram do Congresso... hehehe. *(Dario Alberto de Andrade)*

Amigos,

Faço minhas as palavras do Dario. Só um acréscimo: por aqui também há bastantes fãs de RPG e anime. *(Fernando Dominguez)*

## FC Internacional / RCNascimento

### OBITUÁRIO

#### • Douglas Adams (1952 - 2001)

Douglas Noel Adams, autor da conhecida e popular série **Hitchhiker's Guide to the Galaxy**, faleceu na sexta-feira, 11 de maio de 2001, em Santa Barbara, Califórnia, vítima de um ataque cardíaco.

**Hitchhiker** começou com um primeiro seriado de rádio na BBC, em 1978, logo seguido por um outro de TV e do primeiro livro da série, **Hitchhiker's Guide to the Galaxy**, ambos em 1979 (O Mochileiro das Galáxias, Brasiliense, 1986). Uma segunda série de rádio foi lançada em 1980, tendo ambas totalizado 12 episódios. Os scripts originais da série radiofônica foram publicados em 1985 com o título de **The Hitchhiker's Guide to the Galaxy: The Original Radio Scripts**.

Logo surgiram, no mesmo universo, **The Restaurant at the End of the Universe**, em 1980 (O Restaurante do fim do Universo, Brasiliense, 1987), **Life, the Universe, and Everything**, em 1982 (Vida, Universo e sabe lá o que mais, Brasiliense, 1988), **So Long, and Thanks for All the Fish**, em 1984 (Até mais, valeu o peixe, Brasiliense, 1988), e **Mostly Harmless**, em 1992.

Dentre outros trabalhos importantes do autor alinham-se as novelas **Dirk Gently's Holistic Detective Agency**, em 1987 (Agência de Detectives Holística, Europa-América, 1990) e sua seqüência **The Long Dark Tea-Time of the Soul**, em 1988 (Deuses à Solta, Europa-América, 1991); a não-ficção **Last Chance to See**, de 1991, sobre preservação da vida selvagem, e o videogame para computador **Starship Titanic**, de 1998.

Adams atuou longamente no rádio e na TV, tendo sido, entre outras coisas, editor da série **Dr. Who** (1978-1980). Sua série **Hitchhiker**, uma sátira consistente dos clichês habituais da FC como robôs, viagens interestelares, tradutores universais e, claro, alienígenas, tornou-se popular não apenas dentre os amantes do gênero mas, também, junto ao público em geral, garantindo seu lugar no universo da cultura pop e ombreado-se com outras séries famosas como a "Monty Python's Flying Circus". Verdadeiros ícones da série incluem Marvin, o robô paranóico, e personagens com nomes insólitos tais como Siartibartfast e Zaphod Beeblebrox, e ainda um computador chamado Deep Thought que anuncia a resposta à derradeira pergunta de "Vida, Universo e sabe lá o que mais" como sendo ... 42!.

O primeiro livro da série vendeu nada menos que 14 milhões de cópias (é isso mesmo !!!) e aparece em 25º lugar dentre os 100 melhores títulos do milênio passado, segundo indicação dos leitores em votação promovida pela Amazon em 1999.

Adams nasceu na Inglaterra, onde viveu até 1999 quando mudou-se para a Califórnia; deixa a esposa Jane e a filha Polly. Coincidentemente, no mesmo dia de sua morte foi anunciado pelo Minor Planet Center que um asteroide havia sido batizado de "Arthurdent", nome de um personagem de seu *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*. Em mais uma coincidência, foi anunciada a morte, há cerca de um mês, de Peter Jones, que fez a voz do livro nas séries originais de *Hitchhiker* no rádio e na TV.

O cientista inglês Richard Dawkins escreveu sobre Adams: "A ciência perdeu um amigo; a literatura perdeu um luminar; os gorilas das montanhas e os rinocerontes perderam um galante defensor (Adams certa vez escalou o monte Kilimanjaro como parte de um movimento para levantar fundos para uma campanha contra o comércio ilegal de chifres de rinocerontes); a Apple Computer perdeu seu mais eloqüente apologista. E eu perdi uma insubstituível companhia intelectual e um dos mais bondosos e bem-humorados homens que jamais conheci."

Já o diretor Jay Roach afirmou que continua determinado a filmar *Hitchhiker's Guide to the Galaxy*, apesar da morte de Adams e ainda que isto tenha sido um trágico golpe para o projeto. Adams já havia terminado de desenvolver o roteiro adaptado para o filme, e Roach afirma que continuará lutando para realizá-lo, já que considera *Hitchhiker* como um dos trabalhos mais satíricos e bem-humorados no universo da FC, em todos os tempos.

Quanto a *The Salmon of Doubt*, a novela deixada inacabada por Adams, deve ser publicada ainda este ano. Parece que o livro trará ainda o texto de um novo programa de rádio de Adams, intitulado *The Hitchhiker's Guide to the Future*, e uma seleção de ensaios. Adams estava trabalhando justamente neste livro ao falecer, o primeiro desde *Mostly Harmless*, publicado em 1992.

### **Judy Watson (1948-2001)**

Esposa do escritor Ian Watson, faleceu vítima de ataque cardíaco em 14 de abril. Artista plástica, Judy casou-se com Ian em 1962, tendo contribuído com o marido no texto da sátira erótica **The Woman Factory** (conhecida também com o título de **The Woman Plant**), jamais publicada em inglês - foi publicada em francês em 1976, com o título de **Orgasmachine**, e está programada para sair brevemente em japonês, numa versão amplamente revisada.

### **Pièrre Versins (1923-2001)**

Autor da **Encyclopédie de l'Utopie, des Voyages Extraordinaires et de la Science-Fiction** (Éditions l'Age d'Homme, Lausanne, 1972), a primeira enciclopédia dedicada ao gênero, e fundador da **Maison D'Ailleurs**, em Yverdon-les-bains, na Suíça, em 1975, a partir de sua própria biblioteca, o primeiro e, até o momento, único museu formalmente instalado e dedicado à FC, faleceu em um hospital de Avignon, na França, em 19 de abril pp..

Nascido na França com o nome de Jacques Chamson, foi preso pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial por trabalhar para a Resistência Francesa e internado em alguns campos de concentração, inclusive o famigerado campo de Auschwitz. Após o término do conflito, instalou-se na Suíça e adotou o pseudônimo com o qual ficou conhecido.

É curioso observar a etimologia de seu pseudônimo. Segundo consta, Chamson teria escolhido o sobrenome Versins por ter ido morar, à época, numa rua chamada Vercingetorix, mas também porque Versins, Pièrre pronuncia-se em francês da mesma forma como soa a frase "vers saint Pièrre" (em direção a São Pedro), o destino final de todos nós - irresistível para Chamson, conhecido como um trocadilhista inveterado..

Versins começou a escrever FC nos anos 50, publicando mais de 20 contos e quatro novelas durante aquela década - *Les étoiles ne s'en foutent pas*, de 1954, foi publicada pela Argonauta (22) como "Vigilância Sideral"; *En avant, Mars !...*, de 1955, foi publicada também pela Argonauta (38) com o título de "A invasão dos marcianos".

Foi editor (57 a 62) do mais famoso fanzine francês do gênero, *Ailleurs*, bem como produtor da série radiofônica *Passeport pou l'inconnu* levada ao ar a partir de 1957 pela Rádio Genebra.

Recebeu um prêmio especial durante a TorCon II, a 1973 Toronto World Science Fiction Convention, em reconhecimento pela publicação de sua enciclopédia, e ainda o Pilgrim Award de 1991, concedido pela SFRA, em reconhecimento por suas atividades acadêmicas.



## PRÊMIOS

- Foram anunciados os finalistas ao **Theodore Sturgeon Memorial Award** :

"Antibodies", Charles Stross  
"The Birthday of the World", Ursula K. Le Guin  
"Heart of Glass", William Barton  
"The Juniper Tree", John Kessel  
"Milo and Sylvie", Eliot Fintushel  
"On the Orion Line", Stephen Baxter  
"Radiant Green Star", Lucius Shepard  
"Reef", Paul J. McAuley  
"Savior", Nancy Kress  
"Seventy-Two Letters", Ted Chiang  
"Sheena 5", Stephen Baxter  
*Tendeléo's Story*, Ian McDonald

Os finalistas ao Sturgeon Award são escolhidos através da indicação de, e posterior votação por, cerca de duas dúzias de resenhadores e editores familiarizados com a atual indústria de publicação do gênero. Curioso notar que a família de Sturgeon tem direito a indicar quatro histórias para compor a cédula final de votação.

- Também foram anunciados os quatro indicados para o **Science Fiction and Fantasy Hall of Fame**: Alfred Bester, Fritz Leiber, Jack Vance, e Ursula K. Le Guin.

A cerimônia de premiação aos vencedores do Sturgeon Award, Hall of Fame e John W. Campbell Memorial Award para a melhor novela do ano, terá lugar no jantar de gala que acontecerá dia 6 de julho pf. na Universidade do Kansas. A Campbell Conference, que acontecerá no mesmo fim-de-semana, terá este ano uma única temática: "A Ficção Científica e a Era Eletrônica".

- E aqui vão os vencedores dos **Analog AnLab Awards** e **Asimov's Readers' Awards**. A premiação será feita durante evento que integra a programação da 2001 Millennium Philcon, a 59ª World Science Fiction Convention, que acontece na cidade de Philadelphia, Pennsylvania, de 30 de agosto a 3 de setembro pf..:

### **Analog AnLab Awards**

[www.analogsf.com](http://www.analogsf.com)  
[analog@dellmagazines.com](mailto:analog@dellmagazines.com)

#### **Novella**

"A Roll of the Dice", Catherine Asaro

#### **Novelette**

"Stones of Significance", David Brin

#### **Short Story**

"Sheena 5", Stephen Baxter

#### **Fact Article**

"Slowboat to the Stars!", Ben Bova

#### **Cover Art**

Frank Kelly Freas

### **Asimov's Readers' Awards**

[www.asimovs.com](http://www.asimovs.com)  
[asimovs@dellmagazines.com](mailto:asimovs@dellmagazines.com)

#### **Novella**

"Oracle", Greg Egan

#### **Novelette**

"On the Orion Line", Stephen Baxter

#### **Short Story**

"The Elephants on Neptune", Mike Resnick

#### **Poem**

"Ten Things You Can't Do Inside a Space Helmet", G.O. Clark

#### **Cover Artist**

Bob Eggleton

#### **Interior Artist**

Darryl Elliot

- Conheça agora os finalistas do **2000 Sidewise Awards**, que galardeará trabalhos no gênero de *história alternativa*, e cuja premiação acontecerá no decorrer de evento que integra a programação da mesma 2001 Millennium Philcon já referida:

#### Long Form

*Ash: A Secret History*, Mary Gentle

*Inca*, Suzanne Allés Blom

*"The Nantucket Trilogy"* (Island in the Sea of Time, Against the Tide of Years, On the Oceans of Eternity), S.M. Stirling

#### Short Form

*"HMS Habakkuk"*, Eugene Byrne

*"The Other Side of Midnight: Anno Dracula 1981"*, Kim Newman

*"Seventy-Two Letters"*, Ted Chiang

*"A Very British History"*, Paul J. McAuley

*"Xochiquetzal"*, Carla Pereira (tradução de David Alan Prescott)

O conto *"Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança"*, de Carla Cristina Pereira, que integrou a antologia temática Phantastica Brasileira (Ano Luz, 2000), organizada por Gerson-Lodi-Ribeiro e Carlos Orsi Martinho, concorre a mais um [merecido] prêmio. Vamos todos torcer juntos pela Carla.

- Foram anunciados os finalistas, nas categorias dedicadas a trabalhos estrangeiros, aos Seiun Awards - também conhecidos como Japanese Hugo Awards, e cujos vencedores serão anunciados durante a Japan SF Convention 2001, que acontecerá dias 18 e 19 de agosto pf., em Chiba, Japão. Os prêmios serão reapresentados no decorrer da cerimônia de entrega dos Hugo durante a World Science Fiction Convention, a Millennium Philcon, já mencionada antes.

#### Foreign Novel

*The Positronic Man*, Isaac Asimov e Robert Silverberg

*Ender's Shadow*, Orson Scott Card

*Simulacron-3*, Daniel F. Galouye

*The Light of Other Days*, Arthur C. Clarke e Stephen Baxter

*All Tomorrow's Parties*, William Gibson

*Frameshift*, Robert J. Sawyer

*Darwin's Radio*, Greg Bear

*Barrayar*, Lois McMaster Bujold

*The Moon and the Sun*, Vonda N. McIntyre

#### Foreign Short Story

*"Oceanic"*, Greg Egan

*"The Hundred Light-Year Diary"*, Greg Egan

*"The Saliva Tree"*, Brian W. Aldiss

*"The Sharks of Pentreath"*, Michael G. Coney

*"Orphans of the Helix"*, Dan Simmons

*"The Little Magic Shop"*, Bruce Sterling

*"An Explanation for the Disappearance of the Moon"*, John Sladek

*"A Separate War"*, Joe Haldeman

*"... For a Single Yesterday"*, George R. R. Martin

- O 2001 Arthur C. Clarke Award foi ganho por Chine Miéville e seu *Perdido Street Station*.
- J. K. Rowling recebeu o W. H. Smith Book Award for Children's Book of the Year por *Harry Potter and the Goblet of Fire*.
- O 2001 Edgar Allan Poe Award na categoria Best Novel foi ganho por Joe R. Lansdale com *The Bottoms*.

## CINEMA E TV

- A Kansas City Science Fiction and Fantasy Society, Inc. co-produziu o **"Area (19)51 FilmFest"**, em Kansas City (MO), na semana de 17 a 24 de junho, para homenagear os melhores filmes de FC de 1951, que contou com a participação de Forrest J Ackerman, uma lenda viva do fandom norte-americano. Na programação, preciosidades como *The Day the Earth Stood Still*, *The Thing From Another World*, *When Worlds Collide*, e *Flight to Mars*. É uma boa idéia e, como tal, poderíamos copiar ... vamos pensar nisso ? afinal, temos sócios que têm acervos invejáveis dedicados à filmografia de FC e que poderiam pilotar iniciativas como esta.
- *Shrek*, o desenho animado por computação gráfica da DreamWorks, que estava passando em nada menos que 3.661 cinemas nos EUA, expandiu sua base de exibição para o recorde de 3.715 salas desde o dia 8 de

junho. "O filme continua a ser muito bem aceito tanto nas pequenas como nas grandes cidades; portanto, nada mais lógico do que exibi-lo em todas as salas que desejam fazê-lo", disse o chefe de distribuição do estúdio, Jim Tharp. "Não se trata de perseguir um recorde; nós nunca tivemos isto em mente".

A expansão é particularmente notável se considerarmos que o filme está em sua quarta semana de exibição. Até agora estima-se que o filme, com personagens animados pelas vozes de Mike Myers, Eddie Murphy e Cameron Diaz, tenha faturado cerca de US\$ 153 milhões, somente nos EUA. É mole ?

Diante do sucesso, e como não poderia deixar de ser, a DreamWorks já está planejando uma seqüência para *Shrek*. Vale lembrar que o desenho levou nada menos que 5 anos para ficar pronto e custou cerca de US\$ 22 milhões.

Além de ter protagonizado o maior sucesso em desenhos animados já produzidos pelo estúdio, *Shrek* também foi o primeiro desenho animado nos últimos 18 anos a competir no Festival de Cinema de Cannes.

- O SCI FI Channel anunciou um projeto para desenvolver uma minissérie de quatro horas baseada na novela *The Left Hand of Darkness*, de 1989, ganhadora dos prêmios Hugo e Nebula, de Ursula K. Le Guin. Anteriormente, o mesmo canal havia divulgado planos para o desenvolvimento de uma outra minissérie, de seis horas, baseada na trilogia *Earthsea*, também de Le Guin. Ambos projetos estão em princípio agendados para 2003.

## STAR WARS

- George Lucas manifestou-se pela primeira vez sobre o vazamento de algumas tomadas de seu próximo filme *Star Wars: Episode II*, que apareceram por algum tempo na Internet. "Estes vazamentos estão prejudicando a indústria cinematográfica", disse Lucas, acrescentando que se as pessoas continuarem a roubar tomadas e as colocar na Internet, "você verão cada vez menos a produção de grandes filmes." O clip, mostrando os atores de *Episode II* Hayden Christensen e Ewan McGregor praticando sua luta com sabres de luz em cenário de fundo azul, foi mostrado pelo Force.net web site mas acabou sendo retirado da página após as reclamações da Lucasfilm. Quanto ao filme, "apenas iniciamos a fase de animação, o que significa estarmos a cerca de meio-caminho agora", disse Lucas.
- Anthony Daniels, que volta ao papel de C-3PO no futuro *Star Wars: Episode II*, disse que, desta vez, terá maior participação no filme. "Threepio é mais exigido neste episódio", adianta o ator. Daniels personificou o andróide em todos os quatro filmes da série.
- A Lucasfilm dará as primeiras dicas sobre o próximo *Star Wars: Episode II* durante a Comic-Con International, que acontece de 19 a 22 de julho pf. em San Diego. Dias 21 e 22/07 a convenção apresentará um painel intitulado "Star Wars: Connections", que discutirá como o *Episode II* se encaixa na saga de *Star Wars*. *Episode II* também será objeto de atenção durante a Dragon\*Con, de 31 de agosto a 3 de setembro, em Atlanta.
- Os fãs de *Star Wars* responsáveis por pelo menos uma versão da assim chamada Phantom Edit (edição fantasma) de *Star Wars: Episode I* enviaram uma cópia do videocassete para o próprio George Lucas. Os fãs atenderam assim um comentário do Zap2it.com web site sugerindo que Lucas estava interessado em ver a reedição. O editor, que prefere permanecer anônimo, disse ser um dos três estudantes de cinema que assumiram reeditar a versão para vídeo do *Episode I* para corrigir o que entendiam como pontos fracos do filme. A reedição foi feita há mais de um ano e vem circulando em Hollywood e Nova York. Segundo consta, existe uma outra reedição que também já está circulando no pedaço. "Nós re-contextualizamos completamente o personagem Jar Jar Binks, e alteramos alguns diálogos" disse o editor numa entrevista. "Demos a ele uma linguagem mais próxima de um Jedi, fazendo-o soar mais inteligente. E também redesenhamos o personagem Anakin". O editor afirmou ainda não ter visto a outra reedição de autoria de um outro fã que se auto-intitula "The Phantom Editor". "Já vi o *Episode I* três vezes", disse o editor, "e, como a maioria das pessoas, temos reclamações quanto ao personagem Jar Jar Binks. Ele é um tanto mais infantil do que se poderia esperar de um personagem de um filme de *Star Wars*. Foi uma experiência. Nunca se pensou em distribuí-la, pois foi feita apenas para nós e nossos amigos Levamos uma semana para fazê-la. Não estamos competindo com quem quer que seja".
- Enquanto rodava *Star Wars: Episode II* na Tunísia ano passado, George Lucas aproveitou para fazer uma tomada para seu *Episode III*, que entretanto não deve ser filmado nos próximos cinco anos. Lucas admitiu ter feito a tomada para *Episode III*, presumivelmente para uma cena passada no planeta natal de Anakin Skywalker, Tatooine. "Isso significa que não terei que retornar aqui", diz Lucas numa cena do vídeo do *making of* do filme. "É uma longa jornada vir até aqui e trazer uma equipe de 60 pessoas somente para filmar uma única cena, e ter que remontar o cenário, e tudo mais que isto tudo envolve". Lucas e sua equipe retornaram à Tunísia para rodar cenas de *Episode II* que têm lugar na terra natal de Skywalker - um cenário que foi reconstruído para duplicar aquele do episódio original de *Star Wars*. *Episode II* está programado para ser lançado em 2002.



- A British Academy of Film and Television Arts/Los Angeles entregará ao diretor George Lucas o Stanley Kubrick Britannia Award for Excellence in Film durante a 11ª Annual Britannia Awards. A cerimônia acontecerá em 10 de novembro pf., em Los Angeles.  
"Estamos encantados em honrar George Lucas, que optou por fazer vários de seus filmes na Inglaterra", disse o Presidente da BAFTA/L.A., Gary Dartnall. "Ele contribuiu decisivamente para nossa indústria cinematográfica como um produtor inovador, mudando a maneira como os filmes são feitos, vistos e ouvidos".  
Lucas dirigiu e produziu nove filmes em locações na Inglaterra, incluindo a trilogia de *Indiana Jones* e quatro filmes de *Star Wars*. Anteriormente, Lucas havia recebido nada menos que 17 indicações ao BAFTA, tendo ganho seis prêmios.

## MISCELÂNEA

- O magazine *Analog Science Fiction and Fact* vai serializar a primeira novela da trilogia *Neanderthal Parallax*, de Robert J. Sawyer. Intitulada *Infinite Faculties*, terá seu texto integral publicado em quatro edições mensais consecutivas, começando com o número de janeiro de 2002 do magazine.  
A Tor vai publicar *Infinite Faculties* em junho de 2002, à qual seguirão *Noble Reason*, em fevereiro de 2003, e *Quintessence of Dust*, em outubro do mesmo ano.  
*Neanderthal Parallax* conta a história de um portal que se abre entre nosso universo e um outro alternativo no qual os Neanderthal sobreviveram até os dias de hoje mas, nós, não. Os Neanderthal do universo paralelo desenvolveram uma cultura tecnológica sofisticada mas fizeram um uso muito diferente dos recursos naturais no decorrer dos 40 mil anos desde o "ponto de divergência".
- David Duchovny disse que não retornará para a nona temporada de *The X-Files*, nem mesmo em pequenas aparições, falando à imprensa enquanto promovia seu próximo filme, *Evolution*.  
Quanto às questões deixadas em aberto ao final da última temporada, como é o caso da gravidez de Scully, Duchovny disse não saber quem é o pai da criança e nem como será tratado o beijo que encerrou a temporada. "Será interessante ver, como qualquer outro fã da série, como as coisas serão resolvidas; só espero que eles não optem por dizer - Oh!, estou feliz por Mulder ter ido embora. Que grande canalha; tem um bebê comigo, me beija e cai fora!".
- Aproveitando a onda de sucesso da série *Harry Potter* dedicada ao público infantil, os herdeiros do autor C.S. Lewis estão desenvolvendo esforços para alavancar seu clássico *Chronicles of Narnia*. Os sete títulos da série *Narnia* contam a história de Aslan, um leão que reina sobre um mundo de fantasia, e as crianças que o visitam.  
O legado de Lewis e seus editores vêm negociando o licenciamento dos personagens em bonecos de pelúcia, e a HarperCollins diz ter planos para comissionar novas histórias no universo de *Narnia* por autores anônimos - uma idéia que ultraja alguns fãs, segundo o *The New York Times*.  
Consta também que um memorando interno da HarperCollins havia sugerido que se fizesse um esforço para eliminar ou minimizar as imagética e teologia cristãs das novelas, sugestão esta que os executivos da editora acabaram por rejeitar.  
Até o momento, os editores lançaram um pacote com os sete títulos da série; implementaram dois sites [www.cslewisclassics.com](http://www.cslewisclassics.com) e [www.narnia.com](http://www.narnia.com): criaram um concurso de ensaios, e convidaram autores contemporâneos para escreverem novos prefácios. No segundo semestre de 2003 os editores esperam lançar livros ilustrados para os mais jovens e uma nona novela no universo de *Narnia*.
- A Disney disponibilizou um trailer para seu próximo desenho animado por computador, *Monsters, Inc*, a ser lançado no início de novembro.  
Dê uma olhada em <http://disney.go.com/disneypictures/monstersinc/index.html>
- O *TrekToday* web site registrou rumores de que escritor Stephen Beck, da série *7 Days*, vai-se juntar à equipe da próxima série de *Star Trek*, *Enterprise*.
- O diretor de *Lord of the Rings*, Peter Jackson e sua esposa e colaboradora Frances Walsh, receberam diplomas de doutores *honoris causa* pela Massey University, da Nova Zelândia, por sua destacada contribuição à indústria de filmes do país. Jackson, que é neozelandês, filmou a trilogia na ilha.
- Falando na trilogia de *O Senhor dos Anéis*, e como a turma lá de cima não dá ponto sem nó (e por isso a economia da Califórnia já supera a da França), a rede Burger King firmou parceria com a cadeia New Line Cinema para o lançamento, dia 19 de dezembro pf., do primeiro filme da trilogia, *The Fellowship of the Ring*. Esta parceria inclui promoções tanto nas lojas da rede de *fast food* como via Internet. A Burger King tem ainda a opção de sociedade nos próximos dois filmes, programados para 2002 e 2003.

### **Amazon na Amazon, Ataíde Tartari, 3.567.982 eletrons**

O romance "slipstream" (um pé na FC, um pé no mainstream) de Ataíde Tartari, *Amazon*, acaba de ser publicado nos EUA pela Writers' Club Press, imprint da editora *iUniverse*.

Para quem lê em inglês, ele pode ser facilmente encontrado na [www.Amazon.com](http://www.Amazon.com): basta digitar "ataide" no campo de busca do site - se digitarem "amazon" aparecerão dezenas de opções!

No site da editora ([www.iuniverse.com](http://www.iuniverse.com)), porém, é possível ver a capa, a sinopse e ainda folhear umas páginas. Eis um breve resumo do enredo:

"Dan Backwood, criador de um foguete reutilizável para lançamento de satélites, chega na cidade de Manaus onde vive seu antigo colega de escola Keith Fernside, um ecologista que trabalha no Inpa. O plano de Dan é, com a assessoria de Keith, construir uma plataforma para lançamento de foguetes na Amazônia. Porém, em uma expedição pelos rios da Amazônia, Keith, sua esposa e Dan caem em um triângulo amoroso. Como resultado, Keith perde sua esposa para Dan e sua perna direita para as piranhas.

Quatro anos mais tarde, Keith junta-se a militantes nacionalistas contrários à permanência da base de lançamento de Dan. Enquanto isso, Dan enfrenta o brigadeiro Boaventura, ministro da aeronáutica. O brigadeiro quer usar seu foguete para lançar satélites do projeto Trincheira Norte, espécie de Linha Maginot através da floresta ao norte do País. As Nações Unidas são contra este projeto e decidem intervir para evitar danos à floresta. Com a chegada das tropas da ONU, Dan vê-se encurralado entre dois comandos militares e os militantes nacionalistas liderados por Keith."

### **Admirável Brasil Novo, Ruy Tapioca. Rocco, 2001, 283 páginas.**

RUY TAPIOCA VAI AO FUTURO PARA CONHECER O BRASIL DO PRESENTE

No início do século 21, Ruy Tapioca tenta investigar o futuro do Brasil nos próximos 50 anos, algo a que poucos escritores brasileiros de ficção científica jamais ousaram fazer. Ambientado principalmente no Rio de Janeiro, "Admirável Brasil Novo" enxerga um futuro decadente para o país: poluição e desemprego são o cotidiano; o Presidente da República é um bispo evangélico "com nome de dupla caipira", Miron Marian, e o nepotismo está institucionalizado; os partidos políticos estão divididos entre "conformistas e inconformistas", com o poder nas mãos do primeiro grupo (como sempre); a cultura trash brasileira alcança o seu grau máximo, com uma TV sensacionalista e vulgar; e o nosso futebol é um dos piores do mundo.

O protagonista é o jornalista carioca Lázaro dasDores. Fiel ao seu nome, Lázaro é um exasperado que não cansa de praguejar contra as mazelas da sociedade brasileira. Com 45 anos, casado e com duas filhas (uma delas aspirante a estrela do "bundaxé", uma das novas danças do futuro), tem como amante Astrid Junqueira, grande nome do "romance compacto minimalista" brasileiro. Com Astrid, Ruy Tapioca enfim integra a literatura brasileira aos argumentos da arte conceitual: o último livro de Astrid chama-se ! e tem 100 páginas em branco, para convidar o leitor a "também ser autor, in totum, de uma obra literária!" Já o seu protagonista, apesar de nascido em 2000, é mais um homem do século 20, afeito à leitura de Graciliano Ramos.

Aparte tais momentos metaficcionalis que oferecem crítica mordaz à qualidade, digamos, "etérea" da literatura brasileira contemporânea, o romance é claramente uma sátira política e social, direcionada ao momento presente. A prosa excessiva, preciosista e arcaizante de Tapioca (também presente em seu primeiro romance, o premiado "A República dos Bugres"), bem como a sua herança intelectual, remetem a narrativa também ao passado. Apesar do título, "Admirável Brasil Novo" dialoga menos com o clássico da ficção científica "Admirável Mundo Novo" (1932), de Aldous Huxley, do que com "Brasil, País do Futuro", de Stefan Zweig, fazendo o contraponto entre um Brasil sonhado e o país cronicamente inviável que Tapioca descreve.

A linha narrativa é fraca, porém. Os políticos inconformistas do "Partido Ecolaboral" (fusão dos verdes com os petistas) lutam para se manterem em pé, quando são surpreendidos, tanto quanto os conformistas, por um anúncio feito pela União Européia: só vão liberar o empréstimo bilionário que pode tirar o Brasil da falência (ou financiar a próxima campanha do bispo Miron Marian), se o vice-presidente pertencer ao Partido Ecolaboral. Nesse futuro, o vice tem o controle de um Banco Central independente. O homem em questão é um político íntegro, António Pércles, elabora um plano de dez itens, capaz de tirar o país do precipício e restituir a dignidade do povo. Tudo isso é insuportável para os conformistas, sem contar o fato de Pércles ser negro e deficiente físico. Mas Marian aquiesce, e por algum tempo o autor flerta com a idéia de que o homem certo no lugar certo pode fazer a diferença. Como toda sátira que se preze, é preciso haver uma guinada trágica ao final, e é isso o que Ruy Tapioca nos dá. A sátira é um gênero relativamente difícil. Sua estratégia é levantar o que há de bizarro ou censurável na sociedade, retirando o leitor do "conformismo" de pensar que a realidade em que vive é "normal" e inalterável. Os excessos são bem vindos nessa tarefa, e as melhores sátiras são as que lidam melhor com uma "economia de excessos" que incluem linguagem, enredo, e caracterização dos personagens.

O estilo de Ruy Tapioca lhe favorecem na criação de uma linguagem excessiva, mas que é partilhada por todos os personagens. Políticos da esquerda e da direita, intelectuais e homens do povo, todos falam com o mesmo tom discursivo e exasperado. Como o autor faz pouco uso da técnica do ponto de vista, precisa recorrer constantemente aos diálogos cansativos para avançar o romance. No mesmo sentido, o enredo tem pouco a contribuir. E se o estilo remete ao passado, a imaginação "futurista" de Tapioca falha em dar ao leitor o vislumbre de um novo e admirável mundo brasileiro, que nos pareça tangível mesmo em seus problemas agravados. O seu Brasil do futuro é apenas aquele que nós já desconfiamos que de deva existir, por trás das nossas pretensões de fazer parte do Primeiro Mundo e alcançar a justiça social. Desequilibrado, Admirável Brasil Novo" é como um passeio no zoológico — um zoológico que não oferece nada além dos bichos já conhecidos. (por Roberto de Sousa Causo)

### **AS MINAS DO REI SALOMÃO (\*)**

H. Rider Haggard. *Hedras*, 192 páginas, R\$ 18,00. Tradução de Eça de Queiroz.

(\*) Não, não se trata da lista das amantes do Rei Salomão, as minas em questão são de outro tipo, mais pro mineral, por assim dizer (N.do E.)

"As Minas do Rei Salomão" ("King Solomon's Mines") apareceu em 1885, resultado de um desafio entre o autor e seu irmão: Haggard apostara que poderia escrever um romance tão bom e tão bem sucedido quanto "A Ilha do Tesouro", de Robert Louis Stevenson. Narra as aventuras de três ingleses e um negro na África do Sul, que encontram um mundo perdido — uma nação nativa que habita o território antes reservado às minas do monarca bíblico. A repercussão foi tão grande que dois anos depois surgiram outros sucessos, "Allan Quatermain" (que é o protagonista e narrador de "As Minas...") e o famoso "Ela". Os três romances são ambientados na África.

Haggard, que nasceu em 1859, passaria a juventude nesse continente, sendo obrigado a retornar à Inglaterra em 1881. Sua atitude com respeito à literatura que praticava era modesta. Considerava-se mais um fazendeiro, do que romancista. Quatermain, como narrador de "As Minas do Rei Salomão", apresenta o seguinte *disclaimer*, na introdução: "não posso assumir pretensão alguma a grandes vãos e floreios literários que eu vejo em romances... Suponho que eles — os vãos e floreios — sejam desejáveis, e lamento não ser capaz de fornecê-los; mas ao mesmo tempo não posso evitar de pensar que as coisas simples são sempre as mais impressionantes, e que os livros são melhor compreendidos quando escritos em linguagem simples, embora eu talvez não tenha o direito de dar opinião sobre questões como essa." Seus livros, porém, chamaram a atenção de gente como C. S. Lewis e Carl Gustav Jung. Os dois enxergavam em seus romances uma qualidade mítica, claramente identificável em "As Minas do Rei Salomão", no tema do bastardo que retorna para reconquistar o seu reino (é o negro que acompanhava a expedição de Quatermain, incognito); no motivo de ruínas que apontam para uma era de ouro esquecida; na idéia princípio feminino como uma força de morte destruição (na figura da bruxa Gagool, dentro do que Jung chamou de anima, ou um componente feminino instalado na mente masculina), e a presença do sobrenatural. Os três livros citados dão grande impulso às histórias de mundos perdidos, a forma mais popular de ficção científica da segunda metade do século 19 às primeiras décadas do século 20.

Haggard foi muito influente, em especial na obra de Edgar Rice Burroughs (com quem é muito confundido), o criador de Tarzan e das aventuras de John Carter em Marte. Também no Brasil as histórias de mundo perdido foram relativamente populares. "A Filha do Inca" (1930), de Menotti del Picchia, trai a influência do autor inglês. Mas "As Minas do Rei Salomão", que agora ganha nova edição pela , reimprimindo a tradução de Eça de Queiroz, é também uma das primeiras aventuras literárias na África, um dos exemplos centrais da literatura colonial inglesa. Haggard tenta um certo equilíbrio entre demonstrações de admiração pela coragem e força física dos africanos, e a necessidade de reafirmar a superioridade européia. Seu colega, Sir Henry Curtis é descrito como um vitorioso guerreiro viking do século 19, e o narrador continuamente segrega os africanos da sua simpatia — o outro inglês da expedição, o marinheiro Good, apaixona-se por uma mulher negra, mas ela, pragmática, reconhece que o homem branco e a mulher negra não podem existir num mesmo nível. Embora o aspecto maravilhoso e aventureiro ditem o tom do romance, tais aspectos de etnocentrismo enfraquecem a sua leitura atual. Haggard não pode ser comparado a um outro grande escritor do período imperial britânico, Rudyard Kipling (que também escreveu algum tipo de ficção científica e fantasia), mas sua influência na esfera popular foi tão grande ou maior.

"As Minas do Rei Salomão" foi adaptado para o cinema em 1950 e em 1985; e "Ela" foi filmado em 1935 e em 1965. Os três romances aqui citados — assim como suas várias seqüências — ainda estão sendo publicados. No Brasil, "As Minas do Rei Salomão" retorna em tradução do celebrado Eça de Queiroz, pela Editora Hedras, de São Paulo. (por Roberto de Sousa Causo)

## Éden 4 e Outras Histórias Fantásticas

Alexandre Raposo, Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001, 189 páginas. ISBN-85-01-05655-3. R\$ 26,00.

O jornalista carioca Alexandre Raposo obteve alguma notoriedade com seu último livro, "Memórias de um Diabo de Garrafa" (1999), adaptação romanceada de vários textos histórico-biográficos, em tom satírico. É a biografia de um "diabo de garrafa" que teria sido acessório para o sucesso de várias personalidades históricas, incluindo exploradores e artistas do Renascimento. Como romance é uma besteira muito grande, uma glosa pouco imaginativa de várias biografias que o autor pesquisou.

Agora, com os quinze contos de sua primeira coletânea, Raposo veste o manto do satirista Berilo Neves. Neves (1901-1974), que foi um dos primeiros brasileiros, ainda na década de 1930, a dedicar-se à ficção científica e ao fantástico. A maioria dos seus contos apareceram nas coletâneas "A Costela de Adão" (1932) e "Século XXI" (1934), que foram best-sellers no seu tempo. Traziam histórias breves, de leitura leve, e gozavam a sociedade da época.

O primeiro conto de Alexandre Raposo em "Éden 4" é "Rito de Passagem", onde uma mulher e um homem, conversando enquanto passeiam em um cenário apocalíptico, revelam terem se encontrado em outras encarnações. Todos os seus encontros envolvendo guerras e cataclismos. Em "A Caixa de Pandora" um alienígena, conversando com o último descendente dos seres humanos, agora mantido em um zoológico, faz a crítica da natureza destrutiva do Homo sapiens. No borgiano "O Peixe-Rede", um peixe falante que se afirma o ser vivente mais velho do mundo, narra a um menino as suas aventuras pela história, na esperança de convencer o garoto a soltá-lo da piscina em que está preso. "De Olhos Bem Abertos" é uma narrativa envolvendo paranormalidade, um jovem seqüestrado e um garoto autista. "Succubus" é outro conto borgiano, em sua criação de civilizações imaginárias, e outra história de reencarnação — Berilo Neves também gostava dessas. Uma mania de Neves era terminar suas histórias com o despertar de um sonho — é o que acontece ao final de "A Onda", de Raposo, uma história de abdução por alienígenas. "Justiça", por sua vez, é uma das poucas narrativas realmente perturbadoras do livro: um médico captura o assassino de sua família, e o tortura lentamente. Fosse contada de maneira mais engenhosa, daria um bom conto de dark suspense, gênero pouco praticado no Brasil. Contos como "Ambulante" e "Ressaca" tentam extrair seu interesse do cotidiano e da linguagem das ruas do Rio de Janeiro. Outro paralelo com Berilo Neves, que também escrevia a partir do Rio. Por sua vez, "A Cerveja em Três Tempos" e "Corrente" nos fazem lembrar o interesse pela história, que Raposo explorou no seu romance. Em seu tempo, Berilo Neves teve pouco interessado em dialogar ou expandir a emergente (nos Estados Unidos) tradição de ficção científica. O que ele queria era empregar o potencial do gênero para fins satíricos, dentro de comentários sociais rasteiros e jocosos. É o que acontece nos contos de Alexandre Raposo, "Entrevista com um Alienígena" e "Éden 4", a história que dá nome ao livro. Nesta última, por fim, aparece o grande tema de Berilo Neves: a guerra dos sexos. Umm viajante no tempo chega a um futuro em que a revolução feminista decretou o fim do macho da espécie. Neves costumava brincar com a mulher sendo declara obsoleta por encubadeiras ou robôs, embora tenha usado o argumento ao menos uma vez, contra o homem. No conto de Raposo, a engenharia genética já não dá mais conta de manter as moças geneticamente sãs. É preciso uma ingestão de masculinidade no processo, e o herói da história é forçado ao papel. Torna-se um prêmio a ser disputado por facções rivais, em reviravoltas de comicidade apagada, e no final assume a tarefa de ser o Adão de uma nova tentativa da humanidade, em dar certo (Berilo Neves também brincou com o tema bíblico, hoje clichê, como se pode ver pelo título de sua primeira coletânea, "A Costela de Adão"). Neves costumava terminar alguns dos seus contos misóginos com distúrbios ou revoluções, e em "Éden 4" Raposo usa o mesmo recurso um par de vezes.

Alexandre Raposo é certamente um autor imaginativo e, em alguns momentos, bastante sagaz. Falta-lhe soluções mais densas, dignas da sua imaginação. Ele não pode ser a reencarnação de Berilo Neves, mas é curioso que temas e enfoques se repitam dessa maneira, em contos pouco ambiciosos e sem textura. Não deve causar surpresa, porém. No Brasil, Ficção científica e fantasia ainda são vistos como formas destinadas ao entretenimento fácil e à sátira superficial. Nesse sentido, pouco mudou, de 1930 pra cá. Exceto talvez por um pequeno número de autores que ainda acreditam no potencial desses gêneros e se importam em contribuir para a sua evolução e integração ao cenário literário brasileiro. Gente como Gerson Lodi-Ribeiro, Ivan Carlos Regina, Ivanir Calado, Jorge Luiz Calife. Estes, porém, não são publicados pelas grandes editoras. (por Roberto de Sousa Causo)

## A Guerra dos Dinossauros

Patati & Allan Alex, São Paulo: Escala, 2000, 84 páginas. Livro ilustrado publicado em forma de revista e distribuído em bancas de jornal. Capa de Alexandre Jubron.

Este é o segundo trabalho de ficção científica de Patati (Carlos Eugênio Baptista). Apareceu um ano depois do primeiro, a novela A Sorte dos Girinos, e é bem mais inspirador do que este. A Guerra dos Dinossauros, vendido como uma graphic novel, na verdade seria melhor definido como um "livro ilustrado" — muito bem ilustrado, aliás, por Allan Alex, que tem um desenho minucioso, dinâmico e evocativo — já que não se qualifica como uma narrativa quadrinizada, embora ilustrada em profusão. Também se trata de uma novela de ficção científica muito bem imaginada. Desta vez, porém, Patati desistiu do formato ambicioso de "montagem", e optou por uma narrativa direta. Segundo o autor, este é um trabalho escrito antes de A Sorte dos Girinos.

Artur e Tatiana formam o casal de protagonistas, dois jovens que têm algo em comum: são capazes de se transportarem fisicamente através do tempo, a partir de experiências oníricas. A princípio não sabem disso; sabem apenas que vivenciam sonhos especialmente detalhados. É o Prof. van Rijn que os auxilia a encontrarem o caminho para o domínio dos seus dotes. Isso é particularmente importante porque dinossauros assassinos vindos do passado e antecipados pelos sonhos de Tatiana estão chegando ao nosso presente, ao Brasil carioca de discotecas e estádios gigantes de futebol. O casal de adolescentes deve viajar ao passado — e a um passado pré-histórico diferente do que é conhecido, com mistura de períodos geológicos, estranha flora, e dinossauros inteligentes — para fazer o reconhecimento da situação. Lá, após envolverem-se em movimentadas aventuras, descobrem que van Rijn não é o único tutor no seu aprendizado de viajantes do tempo.

A publicação propriamente dita é mais problemática do que a prosa clara e competente de Patati, seu domínio do enredo e sua sólida representação do universo ficcional. O texto impresso está cheio de erros de revisão, repetições acrescentadas pelo digitador e palavras mutiladas, semeadas a torto e a direito. Um ponto fraco dentro da história de Patati é a relativa "falta de química" entre Artur e Tatiana. Faltou alguma coisa aí, tensão sexual ou interesse emocional. Um ponto positivo para o autor é o fato dele retratar a menina como tão determinada e esperta quanto o menino. É uma novela juvenil, mas que deve interessar ao leitor adulto pela premissa interessante — dinossauros inteligentes que querem levar a espécie humana à extinção — e pelo uso habilidoso de vários temas da FC, incluindo viagem no tempo, realidades alternativas e dinossauros inteligentes. Patati não vai muito a fundo, mas mantém as três bolas no ar. Uma espécie de polícia temporal é apresentada, os Homens Descontínuos, que viajam não por via tecnológica, como a Intempol© de Octávio Aragão, mas por meio de uma capacidade mental especialmente treinada. O final da novela indica que Patati pretende que A Guerra dos Dinossauros seja o primeiro de uma série. (por Roberto de Sousa Causo)

### Fanzinão pra ninguém botar defeito

Foi lançado no dia 28 de abril o mais volumoso de todos os fanzines brasileiros de FC já publicados. Trata-se da edição comemorativa de número 50 do *Juvenatrix* (202 páginas, R\$12,00), editada por Renato Rosatti. Há poucos meses o mesmo editor havia presenteado o fandom com o fanzine *Carnage*, especial com 54 páginas que reuniu todo o material escrito pelo editor ao longo de sua profícua carreira fanzinística. As duas edições são absolutamente obrigatórias para os fãs de FC e Horror.

*Juvenatrix* 50 traz, entre muitas outras coisas, uma noveleta de Carlos Orsi Martinho, um trecho do romance *In Anjo de dor*, de Roberto de Sousa Causo e uma noveleta de Daniel Alvarez no mesmo universo de "A Filha do Predador", premiada com o Nautilus em 1999, tudo inédito. Interessou? Aprese-se, pois a tiragem é limitadíssima. Renato Rosatti pode ser contatado no e-mail rrosatti@ig.com.br (por César R. T. Silva)



AÇÃO! SUSPENSE! MISTÉRIO! TERROR!

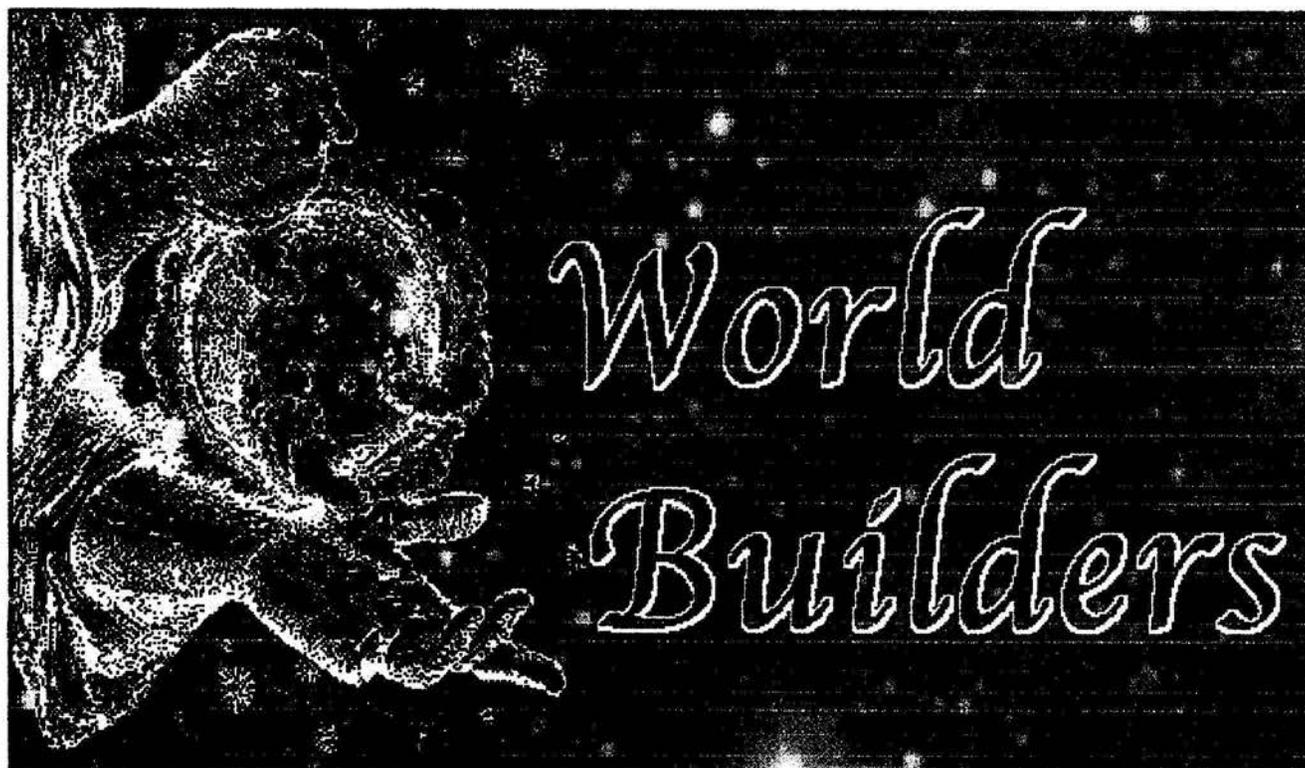


### Quadrinhos para quem gosta de FC raiz

Está nas bancas o primeiro número da minissérie em três partes *As aventuras da Liga Extraordinária*, versão nacional da obra de Alan Moore e Kevin O'Neill. Moore é reconhecido como um dos melhores roteiristas da atual fase dos quadrinhos anglo-americanos, responsável também pela excelente novela *Watchmen plain* e pela *graphic novel A piada mortal*. Kevin O'Neill foi o ilustrador responsável pela minissérie *Marshall Law*, publicada no Brasil no início dos anos 1990.

A história da *Liga Extraordinária* pode ser classificada como *steampunk*, ficção científica com *background* vitoriano. É inspirada nas histórias de aventuras dos primórdios da literatura fantástica, com personagens muito conhecidos por quem não deixou de ler os clássicos de Verne, Haggard, Poe e Wells. Os personagens vão sendo reunidos por uma organização britânica com o objetivo de recuperar um importante elemento químico experimental que foi roubado, e que possibilitaria a Inglaterra enviar a primeira expedição à Lua na virada do século XIX. Quem são esses personagens!? Qual é esse elemento químico misterioso? Não vou estragar as surpresas. Altamente recomendado. O roteiro já foi negociado com Hollywood. (por César R. T. Silva)

Os sites a seguir foram selecionados a partir das sugestões oferecidas por alguns dos participantes mais ativos das Listas de Discussão de FC. Eles representam uma (pequena) parte dos imensos recursos técnicos disponíveis na Rede para auxiliar os impávidos seguidores do nobre ofício de escritor de FC, particularmente para aqueles que necessitam de dar algum caráter mais realista às suas obras - nem sempre isso é necessário, vide nesta edição o conto do Ivan!



### Mundos em Construção:

**Alien Planet Designer** <http://www.cix.co.uk/~vicarage/planets/>

Neste endereço podem encontrar um programa baseado na web para "desenhar" planetas extrasolares creíveis nas suas características físicas, químicas e biológicas. Uma coisa destas deveria fazer parte da caixa de ferramentas básica de um escritor de FC extraterrestre minimamente "hard". (dica do Jorge Candeias)

### World Builders Home Pages

<http://jendaveallen.com/builder/world/index.html>

<http://www.geocities.com/TimesSquare/2691/stargen.html>

<http://curriculum.calstatela.edu/courses/builders/index.html>

Estes sites trazem programas destinados justamente ao que propõe o título, desde gerar um monte de dados astronômicos, geográficos e geológicos, até ilustrar suas criações com figuras e mini-filmes. Em alguns casos o material interessante não é grátis, porém sempre vale a pena dar uma olhada, particularmente o último da lista, que é um verdadeiro curso de pós-graduação para Empreiteiros Celestes. (dicas do Daniel Gonçalves, que nos diz...) *Aqui vão algumas possibilidades, umas melhores que outras, como tudo na vida. Espero que isto ajude...*

**Mundos que "funcionam"** <http://www.howstuffworks.com/category-will-work.htm>

O site HOW STUFF WORKS (já de si excelente) tem uma secção nova intitulada HOW STUFF WILL WORK, que julgo será indispensável aos escritores e entusiastas da FC de serviço. Vale a pena ver. (Jorge Candeias)

## Criando mundos no papel

<http://www.sfwawriting/writing.htm>

Para os que gostam de algo "direto da fonte", eis um, site realmente útil - ele vem direto da prestigiosa Associação dos Escritores de FC dos EUA, com muitas dicas interessantes para os pretendentes a escritor de FC.

<http://www.scifi-az.com>

Este é um site de escritor (um tal de Michael McCollum) para escritores. À primeira parece um tanto pretensioso - tem coisas do tipo "A Arte de Escrever FC", porém vindo mais a fundo vale realmente a pena tem até um workshop eletrônico onde os participantes podem afiar as suas garras uns nos outros, trocando idéias e críticas. (AFKN)

## Criando mundos eletrônicos <http://www.nocturne.org/world/>

Tem uma Lista de Discussão na Internet sobre o assunto da criação de mundos em geral, além de uma cacetada de assuntos interessantes (AFKN)

## Planeta Diário <http://www.fourmilab.ch/terranova>

Diariamente este site traz uma nova série de paisagens alienígenas e planetas sedutores e misteriosos, vistos da ponte de comando da nave intergaláctica *Olodum*. Há também o recurso de salvar as imagens como protetor de tela.

# Resenhas

*Acredito que esta é uma seção que deverá interessar bastante aos fãs de FC. Particularmente daqui pra frente, quando a Internet deverá se tornar "de facto" a única opção para compra de livros de FC, abandonados faz tempo pelas livrarias tradicionais. As resenhas terão portanto mais um papel (ou eletron) importante a cumprir, o de nos ajudar na difícil decisão de comprar sem ver: basta ler a resenha, dando o devido desconto para os gostos e peculiaridades do resenhador. Desde que estes sejam conhecidos, é claro.*

## FC portuguesa, com certeza (por Jeremias Moranu)

*Quatro Andamentos* (Lisboa: Editorial Caminho, Caminho Ficção Científica N.º 195, 2000, ISBN 972-21-1379-8) é uma coletânea com quatro histórias (uma novela, uma noveleta e dois contos), que venceu por unanimidade o Prêmio Caminho de Ficção Científica 1999, o único concurso internacional para FC em língua portuguesa. O autor é o português Luís Richeimer de Sequeira.

Ao ler o livro, fica impossível não invocar o debate entre os autores portugueses Daniel Tércio e João Manuel Barreiros, reproduzido no *Somnium* N.º 80. Um recorre à ética do artista burguês e defende que a ficção científica é uma literatura como qualquer outra, submetida a critérios ou valores universais. O outro afirma que a FC em língua portuguesa (a brasileira inclusive) é pueril em relação aos avanços da FC em inglês — a solução seria ler mais e mais FC anglo-americana. No Brasil, a primeira posição parece que já venceu a parada, com André Carneiro dizendo que literatura só pode ser dividida entre boa ou ruim, e Bráulio Tavares afirmando que nós aqui temos a sorte de podermos ler e assimilar tanto Norman Mailer quanto Norman Spinrad — i.e. influências que transcendem o âmbito do gênero — e que o problema dos autores nacionais é que eles só lêem FC. Entre os portugueses, é difícil dizer quem está mais errado ou mais correto. Mesmo porque os arrazoados dos autores podem ser contrastados menos um com o outro, em suas afirmativas absolutizantes, e mais com a forma que cada uma das posições assume na *ficção* dos respectivos debatedores. A princípio pode-se aceitar o argumento de um, e odiar a sua ficção; ou rejeitar o argumento e apreciar a ficção, e isto é o maior relativizador no debate.

Ao apreciar a ficção de Luís Richeimer de Sequeira, surge um *middle-ground* sob a forma de um terceiro aspecto: os protocolos de leitura de um povo variam em relação a outros povos, e os de um grupo dentro de um mesmo povo variam em relação a outros grupos. A variante portuguesa (em que Sequeira se insere) soa estranha aos "ouvidos" do leitor brasileiro. Especialmente quanto tenta criar uma linguagem mais dinâmica ou radical — as duas variantes se distanciaram tanto, ao longo dos anos, que o parece cotidiano e soa como

gíria ao português, parece insuportavelmente formal e tortuoso para o brasileiro — algo que também se dá quando Barreiros tenta escrever uma FC mais *cyberpunk* em seus contos. Por outro lado, o leitor brasileiro de FC com mais de quarenta anos provavelmente “cresceu” lendo Argonauta, Europa-América, Panorama e outras coleções portuguesas, e deve estar imune a esse estranhamento. Leitores mais jovens não partilham a mesma experiência, e estarão em apuros.

Toda a ficção científica escrita em língua portuguesa, sendo minoritária em termos da FC *lida* em língua portuguesa, será imediatamente confrontada com os protocolos de leitura estabelecidos a partir do contato com a FC anglo-americana, que é a majoritária. Por sua vez, protocolos de leitura são reações a protocolos de *escrita*, presentes nos textos. Um exemplo: a escrita comercial moderna nos Estados Unidos pressupõe a predominância da técnica do ponto de vista narrativo, em que tudo o que se dá na história “passa” pela sensibilidade de um personagem ou de vários. Mas o primeiro conto de Sequeira, “III”, abre com a chegada, cercada de cerimônia, de um trio de personagens sobre os quais são feitos julgamentos de caráter a partir de suas aparências. Não nos é revelado, porém, *quem* julga. Quem julga é obviamente o narrador, que, dentro dos protocolos da escrita comercial americana, deve estar o mais “ausente” possível.

Fica claro, lendo “III”, que o autor tem alguma leitura de FC anglo-americana: o conto é obviamente uma glosa do conhecidíssimo “A Resposta”, de Fredric Brown, sobre a criação de um super-computador que assume uma condição divina, ao final. Em “III” temos uma inteligência artificial em projeto, mas a estrutura anedótica do conto de Brown está lá, fortalecida por alguma especulação filosófica em torno de virtudes e defeitos, e mais de uma dinâmica entre os personagens. Sequeira ignorou a demanda por uma técnica de ponto de vista mais estrita, mas ficou com o anedótico e o final surpresa — que costumam agradar muito ao leitor luso-brasileiro.

A tendência luso-brasileira de se ignorar essa técnica é bastante comum, aliás. A técnica em si firmou-se na escrita norte-americana ao final da década de 1910 e início da de 20, quando surgiram contos em que a presença do narrador (e do autor, por conseguinte) se atenuava e os personagens passavam a ser mais caracterizados por suas próprias palavras e ações, do que pelas descrições opinativas do narrador. Vide Hemingway e Faulkner nesse sentido, dois autores que valorizavam uma caracterização seca, emanando das atitudes dos personagens.

Mais modernamente a técnica assume outra importância, por integrar as diversas sensibilidades ou subjetividades que hoje se entende serem formadas a partir de experiências étnicas, religiosas ou sexuais. O autor, ao dar autonomia aos seus diversos personagens, pela técnica do ponto de vista, dá a eles o direito sobre o modo com enxergam a experiência, e assim reconhece a multiplicidade de olhares possíveis. O ponto de vista narrativo torna-se portanto uma expressão democrática, tão essencial a ponto de Orson Scott Card ter em seu romance *Ender's Shadow* um exercício de ponto de vista em relação a *O Jogo do Exterminador (Ender's Game)*. No novo livro, boa parte dos eventos vistos no primeiro romance são revistos e redimensionados por um personagem que, na primeira obra, é secundário e coadjuvante. É claro, a técnica impera em um país cuja cultura dá valor às idéias da democracia e da representação individual e coletiva.

Brasil e Portugal, porém, são países que sofreram ditaduras duradouras, e que foram formados a partir de uma mentalidade social altamente hierarquizada, com o catolicismo extremo que imperou na Península Ibérica. Neles, a técnica do ponto de vista narrativo tende a ser amplamente ignorada. No caso da ficção de Sequeira, há ainda um outro aspecto a se considerar, dentro deste argumento: sua aparente rejeição do “politicamente correto”. Como parece acontecer com frequência entre homens jovens (o autor tem 36 anos), o sujeito enxerga no politicamente correto uma ameaça ao que ele imagina serem “direitos adquiridos” inerentes à sua condição de uma “primogenitura masculina”. Para eles, a correção política abandona o campo da boa educação a que pertence, em um mundo superpovoado e onde cada vez mais se aceita a formação da subjetividade a partir de aspectos étnicos e culturais, para se tornar uma importação americanófila.

Em “III”, a mulher que pertence ao trio fuma constantemente, soprando fumaça na cara de todos os que a avisam que não pode fumar nas dependências do laboratório que está visitando. Na história seguinte, “Segunda Via”, todos os técnicos e cientistas de uma empresa de engenharia genética fumam e reclamam da importação americana que exige que não fumem em serviço. Na novela “Ironias do Destino” a falta em questão é o assédio sexual de uma jovem tripulante de uma nave espacial, enquanto que na noveleta final, “Terra Lusa”, o autor não resiste ao impulso de massacrar os ecologistas de uma colônia planetária.

Falei mais acima do esforço do autor em recheiar a estrutura fornecida por Brown com mais dinâmica entre os personagens, em “III”. Isso implica em um uso de diálogos, e nisso também podemos examinar os protocolos que nos chegam pela FC anglo-americana.

Haveria basicamente duas razões principais para se empregar diálogos, dentro de uma narrativa. Para promover a exposição do assunto, e para extrair um conteúdo dramático das cenas. No primeiro caso, dois personagens que sabem de tudo o que se passa, conversam sobre o que sabem e com isso permitem que o leitor, que nada sabe, fique sabendo. É basicamente isso o que Sequeira faz em “III”, em “Segunda Via” e em “Ironias do Destino”. E com uma certa ênfase e repetição de situações — do tipo “reunião de comitê”, muito comuns especialmente naquela FC mais antiga, das décadas de 1930-45. Em alguns momentos os diálogos de Sequeira resvalam no que é chamado de diálogo tipo “*as you know, Bob*”, com longas discussões sobre tópicos que já deveriam ter sido resolvidos, pelos personagens. Têm pouca função dramática, e pecam ainda pelo excesso de advérbios, seguidos aos verbos dissentes.



Esses elementos tornariam a sua FC de difícil aceitação, segundo as regras do mercado para ficção comercial nos Estados Unidos e Inglaterra. Não quer dizer que suas histórias não sejam interessantes para o leitor brasileiro e português, *apesar* dessas "regras", e por outras razões. Há um certo vigor especulativo, por exemplo. Fica claro que o autor pensou bem nas idéias que decidiu explorar.

Mas há também uma certa falta de visão da parte de Sequeira, quanto ao enredo e ao arco narrativo que o realiza. Em "III", temos uma entrada lenta e cerimoniosa dos três protagonistas, um miolo arrastado, em que eles enfrentam longos diálogos explicativos, e finalmente a conclusão aparece abrupta e breve demais, em relação a tudo o que veio antes.

Já em "Segunda Via" o problema talvez seja mais de tom — nessa história, uma firma de engenharia genética sediada em Portugal acaba, após receber uma incumbência esdrúxula dos militares europeus, revolucionando a espécie humana, que abandona os seus instintos e assume uma aura de total racionalidade. Essa transformação nos é revelada no terço final da história, sendo que os momentos anteriores são compostos, novamente, de longos diálogos explicativos e contextualizadores, do tipo "reunião de comitê", com fracas intenções humoristas aqui e ali. Tendo esse tom dialogal e semi-cômico em mente, o leitor é surpreendido por uma conclusão introspectiva, em que o mesmo grupo de personagens, agora transformados, planeja romper com suas disposições estritamente racionalistas e buscar o sonho das estrelas, a sua humanidade no universo.

Sequeira trabalha bem dentro de uma prática comum à FC anglo-americana, mas comete algumas impropriedades, exatamente por isso. Ao lermos FC anglo-americana, nos acostumamos com a extrapolação direta que propõe inovações radicais para o futuro próximo, sem explicar todos os passos desse caminho extrapolativo. Os EUA e a Inglaterra dominam a tecnologia de ponta mundial, e diante disso torna-se fácil imaginar que possam cobrir o caminho, digamos, das técnicas atuais de manipulação genética, até a possibilidade transformar o cerebelo em córtex, como Sequeira sugere que seus compatriotas portugueses farão em futuro próximo. Mas Portugal até onde eu saiba não tem tradição nesse campo. Um país como o Brasil já se destacou suficientemente na genética para aparecer como coadjuvante num romance como *Teranesia* (1999), do australiano Greg Egan, e justamente resolvendo o dilema genético que dá a tônica do livro. Países como o Japão ou a Alemanha poderiam partilhar a mesma honra, mas no caso de Portugal caberia a Sequeira explicar como essa revolução genética se deu em seu país. Não dá pra montar no cavalo anglo-americano, sem primeiro ajustar o comprimento do estribo.

Isso, quando falamos de uma história de futuro próximo.

Em "Ironias do Destino", falamos de um futuro distante, em que a viagem interestelar já é rotina. Não há problema algum em ter nessa novela uma nave espacial portuguesa — e Sequeira demonstra um admirável desapego com relação à nossa "Síndrome do Capitão Barbosa": a nave é a *D. Duarte* e seu capitão é um certo Pedro Menezes e Cabral; uma das naves auxiliares foi batizada de *Simplicio*, e o protagonista é um padre chamado Dinis. Se em "Segunda Via" há um apelo junto ao "futuro de consenso" elaborado pela FC norte-americana — que pressupõe o espaço como o destino manifesto da espécie humano —, "Ironias do Destino" se realiza inteiramente dentro dessa vertente épica, mas com variações que apontam para uma "perspectiva portuguesa". Tanto os aspectos católicos da formação portuguesa, quando a sua tradição de descobridores são invocados, quando a *D. Duarte* é interceptada no hiperespaço por uma nave alienígena — num primeiro contato com inteligências não-humanas. Usando feixes de neutrinos (como em *A Voz do Mestre*, de Stanislaw Lem), os E.T.s transformam "magicamente" a jovem e bela tenente Inês (aquela mesma que vinha sendo assediada), dando-lhe superpoderes e a capacidade de agir como alto-falante dos alienígenas. O enredo lembra tanto a novela de Murray Leinster, "Proxima Centauri", ou o seu clássico "Primeiro Contato", quanto *Jornada nas Estrelas: O Filme* (a série é citada na novela de Sequeira). A conclusão, porém, esquiva-se dessas influências, e faz com que os portugueses não consigam estabelecer contato com os alienígenas. Perdem, portanto, a grande oportunidade de tornar Portugal relevante mais uma vez.

Há uma certa superficialidade no recurso — o enredo se contorce em várias direções, mas não chega ao porto de destino. Por outro lado, o final empalidecido oferece uma reflexão sobre um estado de espírito português que a preocupação maior é com um status perdido — aquela ponta da Península Ibéria que uma vez foi império e hoje é província, que foi potência mundial e que deixou todo o poder escapar por entre os dedos. A novela tem problemas de diálogos e de estilo (com muitos ecos e repetições), mas agora há alguma presença da técnica do ponto de vista (do tipo de penetração psicológica superficial) amparando a trajetória do Padre Dinis. O que a salva, porém, são as idéias e as implicações de uma leitura ajustada ao contexto da experiência portuguesa. E, no diálogo com a tradição norte-americana, o futuro de consenso assume uma face bem menos épica.

O mesmo se dá com o "andamento" final, a noveleta "Terra Lusa", outra forma rara em FC de língua portuguesa: a história de colonização espacial. Começa mal: mais um comitê se reúne, agora para conferir um planeta colonizável a estados africanos. Mas eles precisam de parceiros europeus, e os donos do mundo futuro em que isso acontece decidem que o parceiro certo para eles seria Portugal. Daí há uma curta transição e somos apresentados ao capitão David Lima (leia-se "Daví", por favor). Ele comanda a nave com os milhares de colonizadores, e posteriormente o próprio andamento da colonização. Não se considera apto para o trabalho, acha que seus colonos não receberam recursos suficientes, faz o que pode e, recorrendo inclusive a maquinações e subterfúgios, faz a colônia levantar-se. A narrativa aqui progride com mais agilidade, porque o autor abriu mão de uma estrutura armada em torno de cenas — o narrador vai apenas contando como evolui o estabelecimento da colônia.

O único elemento que fica em suspenso, para ser resgatado ao final, é o sumiço de um bando de ecologistas que tinham antes pisado no sapato de Lima. Eles decidiram explorar o hemisfério sul, mais selvático, e nunca mais voltaram. Enfim, descobre-se que foram mortos por alienígenas que contestam a expansão humana nesse setor da galáxia. E o surpreso Lima acha que portugueses e africanos foram mandados para lá como bucha de canhão, por serem os povos mais dispensáveis da Terra. Fica sabendo, porém, que estão ali, na linha de atrito com os alienígenas — chamados de “bicharocos” — porque historicamente os portugueses são um povo “desenrascado”. Essa expressão é provavelmente o equivalente português do nosso “jeitinho brasileiro”. Os dirigentes da Terra esperam que os portugueses em Terra Lusa (o nome que deram ao planeta) encontrem um meio de lidar com os alienígenas. É o mínimo que podem esperar do minúsculo país europeu que, por alguns séculos e meio que de improviso, quase controlou o mundo conhecido.

É pela força das idéias presentes em sua literatura (e costumamos dizer que a FC é uma literatura de idéias) e pela exploração da experiência portuguesa, que Luís de Sequeira merece ser apreciado e acompanhado no futuro. Ele abre portas que deveriam iluminar o próprio relacionamento que os brasileiros têm com o gênero e seus paradigmas estabelecidos pelos escritores anglo-americanos.

**INTEPOL, Uma Antologia de Contos Sobre Viagens no Tempo** (resenhado por Roberto de Sousa Causo)  
Octávio Aragão, ed. São Caetano do Sul: Ano-Luz, 2000, 256 páginas. Capa de Marcelo Corrêa & Octávio Aragão. Introdução de Arthur Dapieve. Comentário de orelha de Gerson Lodi-Ribeiro.

O subgênero da viagem no tempo não costuma redundar em boas histórias, para a ficção científica brasileira. Começa com os terrível embaraço representado pelo romance de Monteiro Lobato, *O Presidente Negro ou O Choque das Raças*, em 1926, passa pelos contos repetitivos de Berilo Neves na década de 1930, e pelo puramente didático *Viagem à Aurora do Mundo*, de Erico Verissimo, em 1939. Em 1947 há um bom momento, com o romance de Jerônimo Monteiro, *3 Meses no Século 81*, com um brasileiro viajando em espírito para uma utopia hipertecnológica que ele se apressa em por abaixo.

Durante a Primeira Onda da FC Brasileira, de 1960 a 1969, é também difícil encontrar coisas realmente boas. “O Copo de Cristal”, de Jerônimo Monteiro, escrito em 1964 e publicado em 1969, é como os romances de Lobato e Verissimo, uma história de um visor do tempo, mas pungente em sua denúncia do impulso de autodestruição humano, em ressonância com a ditadura militar que se iniciava.

Já na Segunda Onda, iniciada em 1982 e que perdura até o nosso momento, há dois ou três trabalhos que merecem lembrança. O principal deles é “A Janela do Segundo Andar”, de José dos Santos Fernandes (1990), em que a impotência sugerida por todos os visores do tempo que vieram antes, é rompida pelo protagonista, que salta a janela-visor para salvar a amada em apuros, no século XIX. Outra viagem no tempo de Fernandes está em “Atendimento Domiciliar”, na antologia natalina de Gumerindo Rocha Dorea, *Enquanto Houver Natal...*, de 1989. Outros exemplos são o premiado “Ato Continuum”, de Sylvio Gonçalves, de 1992, e “Paradoxo de Narciso”, de Ivanir Calado (de 1991), os dois publicados na *Isaac Asimov Magazine*. Alguns dos contos de André Carneiro em *A Máquina de Hyerónimus e Outras Histórias* também são viagens no tempo, do seu muito utópico visto em *Amorquia*, até um futuro próximo que é o momento de transição do nosso mundo para o da anarquia sexual proposta pelo autor.

O carioca Octávio Aragão inventou um *shared world* ou mundo partilhado, o primeiro da ficção científica brasileira, a partir da repercussão positiva do seu conto de viagem no tempo “Eu Matei Paolo Rossi”, publicado na primeira das antologias temáticas da Ano-Luz, *Outras Copas, Outros Mundos* (1998).

A partilha em questão é representada por vários autores escrevendo histórias num mesmo universo ficcional. A característica de um mundo partilhado é a intertextualidade, ou a comunicação entre o texto que você está lendo, e outros textos que vieram antes dele. Eu passei boa parte da minha infância e adolescência lendo um grande mundo partilhado, a série alemã Perry Rhodan, e a partir dessa leitura é possível alinhar um número de características vistas nos mundos partilhados: personagens que se repetem; uma mesma tecnologia que é empregada nas diferentes histórias; um mesmo contexto histórico para as aventuras; uma linha narrativa que se desenvolve conjuntamente, com cada história contribuindo para esse desenvolvimento. O primeiro elemento e o último não são absolutamente necessários, embora recomendáveis.

Ao ler a antologia *Intempol*, fica claro que ela tem tudo a ver com a intertextualidade, mas menos no sentido acima discutido, e mais neste outro sentido aqui: a intertextualidade surge também quando o texto que você está lendo se refere a textos que existem *fora* do universo ficcional a que ele pertence. O livro está cheio até a borda de referências que vão do popular — a série *Starsky & Hutch* (uma das minhas favoritas), por exemplo, ou à ficção de Raymond Chandler (outro de meus favoritos) e Dashiell Hammett — ao erudito — James Joyce e Franz Kafka são os principais exemplos.

De fato, a *Intempol* parece ser um imenso porão cheio de bugigangas intertextuais que servem aos autores participantes como objetos de estimação constantemente partilhada com o leitor. Eu só não sei se esta é a partilha realmente esperada.

O livro situa-se em um parêntese composto pelas partes 1 e 2 de um conto de Lúcio Manfredi, “O Homem que Nunca Existiu”. Trata-se de uma reflexão sobre o clichê do paradoxo temporal (o cara que volta ao passado para matar seu avô), e essa é outra tendência da antologia — e outra forma de intertextualidade,

agora referente às idéias dentro de uma determinada tradição, fixadas como de reconhecimento imediato. A prosa de Manfredi parece ainda mais retorcida e empolada que de costume, mas o mais grave é abrir (e fechar) uma contribuição nacional para um subgênero já bastante hipertrofiado em sua forma internacional, com referências ao seu maior clichê. Outros contos no livro seguem o mesmo padrão, desfiando paradoxos em chave de pastiche humorístico, como "O Furacão Marilyn", de Jorge Nunes ou "A Mortífera Maldição da Múmia", de Carlos Orsi Martinho. O primeiro, contado como anedota, exagera no paradoxo do sujeito que se encontra consigo mesmo ao tentar coroar sua fama de garanhão transando com M. Monroe. Já no segundo, Martinho consegue enfiar os mitos de Cthulhu na Intempol de Aragão, junto com comentários de filmes, etc. Eu devia ter antecipado isso, mas há sempre a esperança de que ele venha a abandonar os pastiches de Lovecraft em favor de alguma exploração mais pessoal... Não deixa de ser um dos melhores trabalhos do livro, apesar.

O paradoxo de encontrar-se consigo mesmo parece ser o preferido. Em "The Long Yesterday", escrito com alguma competência por Osmarco Valadão (se for pseudônimo de Octávio Aragão, o nome partilha de alguma semelhança fonética, tem o mérito de escrever melhor que a *persona* real), o protagonista arruma um jeito de enviar a si mesmo uma mensagem ao passado.

Aparte algumas referências a armas usadas pelos agentes temporais, e a indefectível maquininha de cartão magnético, poucas são as referências intertextuais que perpassam os contos, dando aquela amarração necessária a um mundo partilhado. Daí a minha impressão de que os autores trocaram uma intertextualidade por outra. O caso derradeiro é a novela de Fábio Fernandes, "A Vingança da Ampulheta", em que as citações se empilham página a página, parágrafo a parágrafo, a começar pelo título do prólogo, "Finnegans Wake", passando por referências a Clarke e Kafka, Lovecraft e Crowley, Simenon e Ellery Queen, Dee Brown e Sartre, Lispector e Tabajara Ruas... Sem falar de Michael Moorcock no episódio da crucificação. Dedicado a Pynchon e Dick, e estando um patamar acima da qualidade de escrita dos outros trabalhos na antologia, a novela é, porém, pouco mais que um constante esbater narrativo de movimentos de ir e vir no tempo e de uma realidade alternativa a outra. Fernandes também tenta retomar aquela intertextualidade que interessa, a do suposto universo da Intempol, citando o homem da Maggido que aparece no conto de Aragão, "Um Museu de Velhas Novidades", bem como o protagonista do seminal "Eu Matei Paolo Rossi", também incluído na antologia.

Mais adiante Gerson Lodi-Ribeiro se esforça para continuar de onde Fernandes parou, citando a novela como base para uma tentativa de racionalizar a hierarquia da Intempol — mas se há uma coceira em Martinho para meter Lovecraft em tudo o que escreve, Lodi-Ribeiro tem a coceira asimoviana de fundir tudo o que escreve num único continuum narrativo. O que ele faz aqui confluindo todas as suas séries — a de Palmares, a do Paraguai Alternativo, a dos dinossauros selenitas — num argumento multidimensional que torna a alta direção da Intempol um colegiado de hegêmonas oriundos de realidades alternativas diversas, um mais excêntrico que o outro. Embora o autor dê supremacia às suas criações, em detrimento ao mundo partilhado intempoliano (há um trocadilho aqui?), há que se questionar a sabedoria de misturar o seu investimento em criação de mundo com a invenção de Aragão.

Assim, o universo da Intempol dá passos bem maiores do que as suas múltiplas pernas, perde-se num atulhamento de referências e homenagens e apelos ao charme desbotado dos clichês. Há outros contos no livro, assinados por Paulo Elache e Jorge Nunes (numa segunda história), mas eles pouco contribuem para o sentido de conjunto que estamos procurando. O que é a Intempol, afinal? Suas intenções, a tecnologia empregada, a sua hierarquia e *modus operandi*, tudo soa muito confuso e desconjuntado. Alguma objetividade e alguma coordenação editorial são requeridas.

A maioria das histórias tem as seguintes tônicas: a agitação frenética e hiperbólica através do tempo, redundando em constantes paradoxos; e o cinismo e a imoralidade de um mundo de manipulação e dissimulação que retorna para cobrar o seu preço. Há dois contos de norte-americanos dentro dessas linhas, respectivamente, e que merecem serem mencionados: "O Anel", de Alexander Jaboklov, publicado na *Isaac Asimov Magazine* N.º 1; e "A Linha... Linha... Linha Derradeira de Fragger", de Scherwood Springer, publicado na antologia *O Melhor da Ficção Científica* (Isaac Asimov, ed., Expressão e Cultura). Contos que deveriam balizar as iniciativas futuras da Intempol©.

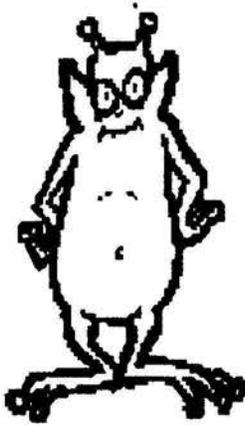
## CONTATOS COM SERES INTELIGENTES (EM OUTROS PLANETAS...)

### "A Equação de Drake"

Um dos temas recorrentes na literatura de FC é o do "contato com seres inteligentes extraterrestres", uma obsessão aparentemente estranha, dado à conspícuca escassez local dessa espécie de vivente. Ela se torna porém compreensível quando vista pela ótica da "fascinação com o outro", uma mistura de curiosidade e medo que agita águas profundas na psique humana.

E tal como acontece com as piadas (outro capítulo psicológico igualmente profundo), que podem ser classificadas em alguns poucos grandes campos (português, brasileiro, papagaio, sogra, viado, corno etc.), o assunto CSIET também pode ser reduzido a sub-temas básicos e ser estudado através de compartimentos ou enfoques específicos.

Entre as muitas possibilidades, imagino algo como a seguir :



- **Existência dos ETI's**

Esse é o xis da questão - para haver contato, tem que haver ETI's, caso contrário caímos na solução trivial do problema. Infelizmente, qualquer análise ou discussão sobre a possibilidade de existência dos ETI's (e de como contactá-los) sofre da limitação fundamental do nosso próprio ponto de vista antropocêntrico: é realmente difícil transcender a nossa realidade e conceber seres radicalmente diferentes de nós, mesmo para aqueles dotados da mais fértil imaginação. Se para muitos já é difícil imaginar a vida dos pigmeus na selva, o que dizer então de seres gasosos, elétricos ou trissexuados? Por este motivo, corremos o risco de ficar procurando por sinais de alguém estruturalmente semelhante a nós, sem nos darmos conta de que podemos estar olhando para o lugar errado. Ou pior, nem sequer perceber que já estamos a enxergá-los (no sentido mais amplo de grokar) - algo como uma saúva procurando por outros tipos de formiga no meio da Avenida São João. E sem esquecer também a questão em si que aquilo que entendemos como "existir" pode ter significados diferentes para estes seres elusivos - não penso, logo não existo.

- **Motivação** (a nossa e/ou a deles)

Obviamente, pelo menos alguém tem que querer contactar, senão o contato só irá ocorrer por acaso - algo meio difícil, considerando a vastidão do Universo. Presumo que, se forem inquiridos diretamente, a maioria dos seres humanos antenados com a coisa estaria predisposta ou interessada num eventual CSIET, talvez um interesse difuso ou pura e simples curiosidade simiesca. Na prática, imagino que o nosso único motivo real seria o econômico, isto é, só iremos ativamente procurá-los quando tivermos esperança ou necessidade de algum ganho, não necessariamente monetário. A História que o diga. Quanto a "eles", bem, quanto a "eles" o céu é o limite, vá lá saber que diabo se passa pelas suas cabeças - se é que "eles" as têm !

- **Ocorrências passadas**

É o terreno minado dos OVNI's, deuses astronautas e X-ófilos em geral, ou seja, um saco de gatos que até o momento infelizmente - ou felizmente, quem vai saber - não produziu nenhum espécime apresentável e convincente de ETI, exceto talvez o Marco Maciel e aqueles bonecos grosseiramente falsificados, que vimos ser autopsiados ao vivo na televisão.

- **Melos e possibilidades futuras de contato**

Supondo que estamos sós no nosso Sistema Solar, muito já se falou sobre a "quarentena cósmica" imposta pela velocidade finita da luz, que dificultaria enormemente qualquer tentativa de contato físico entre nós e os "outros", situados em outros sistemas solares a enormes distâncias do nosso. Notar que digo dificulta e não impede, visto que para transpor a vasta distância que separa as estrelas bastaria extrapolar um pouco o nosso atual potencial tecnológico, sem necessidade de recorrer a novas leis físicas. Aliás, a dificuldade é mais econômica do que técnica, e podemos supor que as mesmas dificuldades e limitações se apliquem a "eles". Portanto, tanto hoje como num futuro próximo, o meio mais simples disponível para contatos são as ondas eletromagnéticas de rádio e televisão. O que encerra alguns perigos: imaginem o que um ET deduziria do Ratinho Livre ou do Carnaval do RJ, sem falar nas possibilidades de invasão eletrônica na nossa cultura : já chegam a MTV e os pastores eletrônicos...

Todas essas introduções e prolegômenos podem ser enfim resumidas no seguinte :

- Não sabemos se "eles" existem
- Não sabemos onde "eles" estão
- Não sabemos como "falar com eles"
- E muito menos sabemos se "eles" estão querendo falar conosco (ou peskuletear, zpflitztar, sombripensar etc.)

Concordo que não é um cenário muito promissor, porém não devemos desanimar só por causa destes probleminhas triviais. Podemos ser otimistas e tentar estimar as possibilidades de CSIET, com base em algumas suposições aparentemente razoáveis sobre a natureza do Universo e as conseqüências que daí decorrem quanto aos seres vivos.

Este é o ponto de partida para a mais bem estruturada análise da questão, atribuída ao radio-astrônomo americano Frank Drake e substanciada na famosa equação que por isso mesmo leva o seu nome. Ainda por volta da década de 60, a sua até então boa reputação chegou a ser ameaçada seriamente por seus pares, que na maioria encaravam o assunto como digno apenas das capas dos "pulp" de 5ª categoria. Foi graças porém à persistência e à coragem dele e dos seus colegas que o tema ganhou respeitabilidade na comunidade científica, sem falar do gosto do público em geral, que no fim das contas é quem paga as vultosas despesas e os nem tanto vultuosos salários dos ditos cujos cientistas.

A Equação de Drake é muito simples e na verdade não passa de uma conta de frações. Como ele é um rádio-astrônomo, para obtê-la ele partiu da suposição de que o contato seria feito pelas ondas de rádio e procurou calcular quantas espécies comunicantes por este meio poderíamos acessar hoje na nossa Galáxia. Ela também leva em conta o caráter dinâmico da evolução das civilizações, assumindo que suas fases comunicante e comunicável têm duração finita.

Considerando então o conjunto total de estrelas da Galáxia e assumindo que os ETI's habitem planetas destas estrelas (uma das tais limitações antropocêntricas), a equação obtém o número **N** de espécies comunicáveis e comunicantes como um subconjunto do total de estrelas. Na sua forma mais usual, a equação é apresentada como se segue :

$$N = R_n \cdot f_p \cdot n_e \cdot f_l \cdot f_c \cdot L$$

sendo :

**R<sub>n</sub>** = taxa média de formação de estrelas na nossa Galáxia

A idéia aqui é que as civilizações são dinâmicas, nascem, crescem e desaparecem, de forma que as que desaparecem estariam sendo repostas pelas que surgem com as novas estrelas. O valor atualmente aceito é **R<sub>n</sub>** = 10 estrelas/ano, porém este é ainda um mero chute calibrado.

**f<sub>p</sub>** = fração das estrelas que têm sistemas planetários

De uns poucos anos para cá os astrônomos têm descoberto planetas extra-solares (PEXS) às mancheias (*Sky & Telescope*, Julho 2001), tanto que as novas descobertas nem mais dão manchetes nos jornais como as primeiras. E a lista cresce a cada avanço tecnológico dos métodos e equipamentos de observação astronômica, podendo-se presumir sem muito arrojo que esta fração esteja próxima de 100%. Ou seja, **f<sub>p</sub>** ~ 1

**n<sub>e</sub>** = fração dos planetas destes sistemas que apresentam condições propícias à vida

Está implícito aí "propícias à vida tal como a nossa", ou pelo menos àquelas com requisitos básicos similares à nossa, que é baseada na química do carbono e necessitando de água líquida e mais alguns outros quesitos do gênero. Os PEXS descobertos até agora são planetas gigantes e em órbitas excêntricas e/ou muito próximas às estrelas centrais, que dificilmente abrigariam seres vivos tais como os conhecemos. Baseados porém no que se sabe sobre a formação de sistemas planetários, há um consenso entre os especialistas de que se ainda não descobrimos planetas "terrestres", isto se deve mais às deficiências técnicas atuais do que à inexistência deles. Podemos então assumir sem grandes sustos que em quase todos os sistemas planetários deve haver pelo menos um planeta em condições favoráveis à vida - afinal, aqui temos um confirmado e outro (Marte) marginalmente habitável. Portanto, assumimos **n<sub>e</sub>** ~ 1.

**f<sub>l</sub>** = fração dos planetas com condições favoráveis nos quais existe vida

Após as pesquisas pioneiras de Haldane e Oparin na década de 30, muitas experiências conseguiram sintetizar *in vitro* uma grande variedade de moléculas orgânicas complexas, incluindo todos os aminoácidos essenciais à vida, reproduzindo no laboratório as condições vigentes na Terra primitiva. Portanto, a maioria dos biólogos de hoje tem fé (é o termo apropriado) que o surgimento de organismos vivos a partir da matéria inorgânica é apenas questão de tempo, bastando haver condições favoráveis. Tenhamos fé também para admitir **f<sub>l</sub>** ~ 1

$f_i$  = fração dos planeta com vida, nos quais surgiu vida inteligente

Épa, novamente um campo minado por questões físicas, metafísicas e patafísicas. A começar pela própria definição de inteligência, que é um atributo que todo mundo instintivamente "sabe" o que é, porém não consegue delimitar em palavras. Será que um cachorro é inteligente? E uma baleia, será que ela é? Na ausência de outras informações além da hipótese Copernicana de não sermos um produto excepcional e único, acredito que devemos também adotar aqui a premissa de que o surgimento de ETI's é consequência inevitável do mecanismo da evolução biológica, bastando novamente a tal "existência de condições favoráveis" - seja lá o que isso queira dizer! Portanto, também temos  $f_i \sim 1$ .

$f_c$  = fração dos ETI's que desenvolvem uma civilização técnica

Esta fração simplesmente é a constatação de que pode haver seres inteligentes e civilizados incapazes de construir um transmissor de rádio. Ou ETI's que até possuam as condições técnicas requeridas, mas não queiram ou não se interessem por isso, talvez por serem telepatas ou por qualquer outra razão misteriosa deles. Novamente, o nosso único guia aqui é a nossa própria história. Com base nisso, considerando que do grande número de civilizações que criamos somente uma desenvolveu-se tecnologicamente e também que, segundo dois estudiosos do assunto o caminho que nos levou a ela não parece ter sido de todo inevitável, presumo que este fator deve ser em torno de 0,01. Ou seja, apenas um por cento dos ETI's desenvolvem civilizações tecnológicas capazes de se comunicar por meio de rádio. Cada um sintá-se livre para usar qualquer outra porcentagem, porém aqui usaremos  $f_c = 0,01$ .

$L$  = tempo médio de vida (em anos) de uma civilização tecnológica

Outro osso duro de roer. Aqui não temos sequer um exemplo local para nos basear e reina a mais absoluta e igualitária ignorância : cada um chuta o valor que quiser.

Deixando então um pouco de lado a tarefa espinhosa de atribuir um valor numérico para  $L$ , vamos avaliar o que conseguimos até agora. Substituindo na equação os valores obtidos e chutados acima, temos :

$$N = (10 \times 1 \times 1 \times 1 \times 0,01) \times L = 0,1 \times L$$

Assim, agora poderemos tirar algumas conclusões interessantes, conforme a opinião de cada um quanto ao valor a atribuir ao fator  $L$  :

a ) A visão pessimista

Sabendo que só recentemente adquirimos a capacidade de nos comunicar através das distâncias interestelares e que pelo andar da carruagem logo logo poderemos estar explodindo com o planeta, o pessimista estimaria  $L = 10$  anos. Com isso, chega-se à conclusão surpreendente (não para todos) de que entre os zilhões ( $1\text{zilhão} = 10^{11}$ ) de sistemas solares da nossa Galáxia, apenas um abriga uma civilização capaz de comunicação interestelar. Ou seja, nós mesmos. E estamos sós.

b ) A visão otimista

Bem, dizem que otimista mesmo é só o Diabo, o único que ainda acredita ser capaz de fazer as pessoas piores do que elas já são. Um pouco de exagero, é claro - deve haver mais otimistas iludidos por aí. Um deles estimaria que a nossa espécie poderia ao menos durar, se não o tempo que já duram os tubarões e as baratas (coisa de uns 200 milhões de anos), então pelo menos o dobro do tempo em que ela perambula por aqui. Ou seja, mais uns 3 milhões de anos. Com  $L = 3 \times 10^6$ , teremos  $N = 300.000$  ETI's espalhados pela Galáxia e coexistindo conosco, o que poderia afastar um pouco a sensação de solidão.

Poderia, mas não muito. Para colocar a coisa na devida perspectiva, sabemos que a Galáxia é enorme, muito maior até do que a dívida externa do Brasil, o que não é pouca coisa! Mesmo havendo nela 300.000 planetas habitados por seres inteligentes e ávidos para comunicar conosco, a distância média que separa estes viventes ainda seria da ordem de 1.000 anos-luz, tirando ou pondo alguns trocados. É claro que média não quer dizer muita coisa, porém...

Em resumo, parece inevitável que tão cedo não teremos ninguém mais com quem falar. O que talvez seja uma benção, pois assim teremos mais tempo para pensar no que dizer a "eles".

*Dentro da temática um tanto frouxa desta edição do Somnium, este artigo é particularmente pertinente. pelas suas considerações lúcidas e até um tanto incômodas, principalmente para aqueles que continuam presos à noção ilógica de que há saídas para a FCB fora do esquema bem sucedido lá da Matriz. Naturalmente, não há necessidade de absorção total da fórmula "padrão exportação", porém há necessidade sim de uma saudável culturofagia. Que venham os nossos tupinambás, visto que a sardinha já está aí...*

### Per Dentro da Fórmula

Em nossa opinião formada sobre a literatura comercial norte-americana, o que vemos é uma fórmula combinando ação, emoções baratas e finais felizes. Essa opinião ainda deixa implícito que tal fórmula é fácil de ser seguida, o que não fazemos para não ferir nossos pudores literários. Ao mesmo tempo, não nos deixamos influenciar pela idéia de que escrever, principalmente escrever ficção, possa ser ensinado. Existe o sentimento de que escrever é algo mágico que, assim como o sangue azul, nasce com a pessoa.

Talvez seja um reflexo da autoconfiança norte-americana achar que nada disso é verdade. Mesmo que não cheguem a dizer que qualquer pessoa pode aprender a escrever como Hemingway, eles acreditam poder aprender a escrever com talento em um de seus cursos de escrita criativa. Hoje em dia, tais cursos estão espalhados por todos os Estados Unidos com status de disciplina universitária.

Estive recentemente em um workshop de escritores coordenado pelo professor James Gunn na universidade de Kansas. Responsável por um desses cursos universitários de escrita criativa, Gunn é autor veterano com inúmeras obras publicadas, entre elas "Os Imortais", transformada em série de TV nos anos 70. Em seu workshop, embora não seja um curso completo de escrita criativa, as palavras de Gunn deixaram bem clara a grande diferença que existe na maneira como nós produzimos nossa literatura e como eles a fazem, ao menos no âmbito da literatura comercial.

Um de seus aforismos prediletos é "o que é escrito com facilidade torna difícil a leitura" e vice-versa. Isso é praticamente o oposto do aforismo que se pode ouvir em oficinas literárias brasileiras: "escrever é como tocar música; se você não escreve com prazer, o leitor não lê com prazer."

Outras características distanciam, à maneira norte-americana, o ato de escrever daquilo que consideramos arte, e o aproximam do que podemos definir como trabalho duro. Geralmente o que chamamos pejorativamente de fórmula é na verdade um complexo conjunto de regras que disciplinam o ato de escrever.

Palavras ditas por autores brasileiros, seja em entrevistas ou oficinas literárias, fazem pouco sentido nesse universo disciplinado. "Deixe a história escrever a si mesma", "Deixe o personagem tomar conta da trama" e "Você deve se surpreender com o final de sua própria história" são lições rejeitadas nos bancos escolares norte-americanos.

Grande parte do que eu havia aprendido através do trabalho junto a uma agência literária de Pittsburgh, tive agora confirmado no workshop da universidade de Kansas. É um longo aprendizado, mas creio que algumas lições interessantes cabem nesse artigo.

O receituário norte-americano começa com a regra de que, antes de mais nada, deve se definir o personagem principal ou protagonista da história. "Um livro é uma pessoa, e é por ela que eu procuro" é um aforismo válido nesse caso. Nada de se escrever histórias sobre "temas". Não se deve, por exemplo, pensar em escrever uma história sobre a AIDS, mas sim sobre um aidsético. Antes de iniciado o trabalho de escrita, o personagem principal já deve estar com seu perfil psicológico definido. Qual a sua aparência? Como ele/ela se veste? Como ele/ela reagiria a uma perda? A quem ele/ela ama? A quem odeia? Qual a sua história de vida?

Com um mercado como o norte-americano na cabeça, posso pensar em tal protagonista como um judeu etíope, ou falasha, que passou uma juventude prazerosa em Angola, onde aprendeu o português, antes da guerra civil. Com o início da guerra tanto em Angola quanto em seu país natal, Etiópia, ele passa por dificuldades que moldam sua personalidade. No tempo presente de minha trama ele trabalharia num centro como o Wiesenthal que procura fugitivos nazistas. Este é um breve exemplo de como se pode criar um personagem antes que a história exista.

A trama também deve ser previamente elaborada, como um esboço que guiará a escrita. Nada de deixar a história escrever a si mesma ou deixar o protagonista levá-la aonde ele bem entender. O autor deve ter total controle sobre o plano-piloto de sua história.

Nas escolas norte-americanas, aprende-se que a trama se inicia com o assim-chamado Evento Impulsor. Esse é o evento que obriga o personagem principal a tomar uma atitude. No caso do meu judeu etíope, esse evento pode ser a descoberta da ossada do carrasco nazista Josef Mengele no cemitério de Embu em São Paulo. Tal ocorrência leva a trama ao seu Conflito Central, a questão maior que impulsiona os personagens ao longo de toda a história. No meu exemplo, o conflito central seria em torno da investigação da vida de Mengele no exílio, assim como da possibilidade de se existirem colaboradores do carrasco nazista no Brasil.

Além de exigir um evento impulsor, a escola norte-americana rejeita as charadas, enigmas e falta de clareza. Logo no começo da história deve ficar claro ao leitor Quem está Aonde, fazendo O Quê e Porquê. A teoria por trás dessa exigência me parece puramente comercial, embora a maioria dos escritores não goste de perder leitores logo nas primeiras páginas, assim como os comerciantes não gostam de perder clientes na primeira venda.

A resolução do conflito central se dá, é claro, no Clímax. No caso de meu investigador falasha, o clímax seria quando, ao final de sua caçada, ele encontra o colaborador de Mengele numa ilha em Angra dos Reis. Por acaso, esse colaborador seria o médico responsável por experiências com judeus etíopes como ele. Um clímax melhor do que o de Meninos do Brasil de Ira Levin, penso eu.

Mesmo com tantas restrições — ou concessões ao leitor médio — que distanciam a escrita do que consideramos arte, várias regras aprendidas nos cursos norte-americanos de escrita criativa vão de encontro aos nossos valores de boa literatura. Uma delas é a regra para se evitar a chamada Narrativa Cinemática, o que ocorre quando o narrador descreve as cenas como se estivesse narrando um filme, muito comum em autores iniciantes. Outra é a rejeição às Intromissões do Autor, ou interrupção do fluxo da narrativa para se fazer uma digressão, um comentário gratuito.

Creio que "Show, don't tell", ou mostrar ao invés de dizer, é uma das regras que mais transcende fronteiras e diferentes conceitos sobre literatura. Afinal, quando o narrador diz ao leitor o que os personagens estão sentindo ou porque eles são como são, ele está reduzindo a qualidade da história. A natureza dos personagens deve ser mostrada ao leitor através de seus atos, falas e pensamentos.

Depois de aprender todas essas técnicas, eu passei a dividir o conceito de fórmula em dois. No sentido pejorativo ficam os clichês; no lado pragmático fica a receita. Como qualquer receita, pode ser personalizada sem que se mudem os ingredientes básicos. Ou pode-se apenas usá-la como um guia, uma referência.

Na história que mencionei como exemplo, procurei seguir a receita o mais fielmente possível. Meu objetivo é conquistar o mercado americano usando suas próprias armas. Se conseguir, a vitória não terá sido da fórmula.

#### *Adendo do Editor:*

*Ataíde Tartari, escritor bilíngue, é representado nos EUA pela agência literária Lee Shore Ltd. e já tem um livro publicado "lá", que anda vendendo bem (vide info nesta edição). E para os que desejarem se lançar na carreira internacional, um bom começo poderia ser por aqui:*

"Editor Brian Youmans is seeking eligible stories and poetry for Best of the Rest 3, an anthology of work from outside major American SF/F magazines and anthologies/collections by major publishers, i.e. from the small press and small publishers, English language stories from outside the US, and webzine publications: "I am looking for stories of 500-10,000 words or poetry of any length. Payment will be \$0.03/word or a minimum of \$50 for non-exclusive rights. Small press editors and publishers: all qualifying publications reviewed will be listed online at the Sudden Press website <http://www.world.std.com/~3Diff/suddenly.html> and in an appendix to the book, with ordering information. Please send submissions to Sudden Press, at Post Office Box 120318, Boston, Massachusetts 02112; authors should include SASE. When submitting a manuscript, please indicate the place and time of publication. More details can be found on the Sudden Press website." (dica encontrada na Locus Online pelo P. Mergely La Clepsydre, un Espace sur le Temps <http://clepsydre.free.fr/>)



### Amarelo e Vermelho

por Ivan Carlos Regina

Dedicado a F. Fideli, O. Cudizio e especialmente a M. Ribeiro, que se dedicam ao semelhante



Majestosamente, a S. Hahnemann entrou em órbita de Aldebarã V. Digo majestosamente porque tenho orgulho desta nave e de fazer parte de sua tripulação.

Como única brasileira a bordo, tento honrar de maneira satisfatória a tradição da homeopatia em nosso, agora, tão longínquo país.

Estamos a centenas de anos luz do nosso planeta natal, a Terra.

Esta nave, alma gêmea de outras duas que foram construídas especialmente para a promoção da pesquisa médica e sua aplicação, tem algo de especial. Fruto de árdua batalha de nossa categoria, e graças ao apoio profundo e irrestrito da Organização Mundial de Saúde, é dedicada integralmente à Medicina Homeopática; mais que isto, é a depositária de matérias primas para fabricação de remédios de uma centena de planetas que a raça humana civilizou. Armazenados em câmaras frigoríficas, cerca de 80.000 vegetais, minerais e animais aguardam, cientificamente controlados pelo computador central da nave, sua aplicação.

Não é um armazém e muito menos um museu, como a chamam, não sem uma pontinha de ironia, nossos colegas alopatas de suas co irmãs. É um tesouro vivo, algo que poderemos legar às próximas gerações, não só pelo seu conteúdo científico como principalmente pelo seu banco de dados empíricos aqui armazenados.

Poderia ficar horas narrando: o surto de urticária ulcerosa de Procion III, onde todos os antibióticos falharam e o Doutor F. Quincy controlou a epidemia graças aos medicamentos aqui armazenados (e seus conhecimentos, é claro). A febre intermitente de Betelgeuse IV, que quase impediu a colonização daquele vasto sistema estelar. Os exemplos são muitos, o tempo é escasso.

Vamos diretamente ao cerne da questão. Chamo minha assistente, porque tenho obrigação de fazê-lo. Seu nome é I. Águila, italiana da Região do Piemonte. Nosso relacionamento não é tão bom, ela demonstra aquilo que o Mestre chamou de "Invidia medicorum péssima", talvez por ser tão nova e ter ganas de subir muito rápido na profissão. Não compreende ainda que a ciência homeopática é empírica, aprende com seus erros, como nós em nossas vidas. Apesar disto, é uma médica eficiente. Acerta os remédios, tem uma boa intuição. E isto que não entendo. Se fosse apenas mais uma incompetente a cruzar minha carreira, não teria muita importância, mas, considerando sua competência, é meu dever pô-la no caminho certo.

Tudo isso penso enquanto me encaminho para o salão central de diagnóstico. Quando chego, Irene já está sentada. Cumprimento-a formalmente, e aciono o resumo dos dados já recolhidos.

O computador projeta as informações recolhidas na tela grande. É uma atividade pró forma, um ritual para o Conselho dos Cinco. Tanto eu com Irene com certeza já estudamos detalhadamente tudo que agora víamos mais uma vez.

Aldebarã V é um planeta pequeno, com uma estrela que o ilumina fracamente. As pessoas, em geral, são magras e pálidas. Faz pouco tempo que aqui estamos, sua colonização é relativamente recente. A doença começou primeiro entre os mineiros, pelo que se pensou até em contaminação radioativa. Após estudos chegaram a um vírus, muito contagiante. A sintomatologia começa com uma coceira, logo acompanhada por pequenas pústulas amarelas, inflamadas. Normalmente nesta fase perdem-se cerca de 70 % dos pacientes. Alguns antibióticos da novíssima geração atuam em menos de 30 % dos infectados. Por isto estamos aqui. A fase terminal é bastante dolorosa, atuando sobre o sistema nervoso central.

Cumpridas as formalidades, o computador conecta-se ao Conselho, que nada mais é que os cérebros de cinco ilustres homeopatas, conservados e integrados entre si para ajudarem (e julgarem) os jovens médicos.

O Conselho pede minhas conclusões. Tento comparar esta doença às da Terra, sem êxito. Por fim, sugiro a experiência com Thuya C5 e Medorrynum C30.

Para minha completa estupefação, Irene levanta-se e pede para dar sua opinião, por suposto que será discordante da minha. Este é um ato que quebra totalmente o protocolo, deveria ter passado suas decisões para mim primeiramente, chegando a um consenso.

Tenho a segunda surpresa, o Conselho autoriza a expor suas idéias., como outra tentativa. Ela fala muito e por fim propõe o tratamento com Rex Drago C100. Trata-se de um lagarto com 10 c. de comprimento encontrado em Sirius V, um dos novos medicamentos encontrados fora da Terra.

O Conselho delibera tratar cinco pacientes com cada um dos métodos. Considero isto uma afronta, pois põe-me no mesmo nível da minha assistente.

Depois, pensando melhor, relevo. Se Irene estiver certa, os doentes serão beneficiados. Particularmente não acredito nestes remédios encontrados nos novos mundos. O homem, não importa quão longe esteja de sua terra natal, continua tendo sua origem genética e sua afetividade atada ao planeta que o gerou.

Os medicamentos são separados. Descemos para Aldebarã IV no módulo M. Nobre. Que este nome nos inspire.

O Hospital é limpo e agradável. Talvez não se possam dar ao luxo deter um ambiente decadente. A enfermeira chefe nos atende com cortesia, mostra-nos entusiasmada as instalações.

O médico local e seus dois assistentes reúnem-se comigo e Irene e apresentam tediosamente os dados que já conhecíamos. Ouvimo-los pacientemente, é nosso dever. Imediatamente começamos os dois tratamentos com pacientes escolhidos ao acaso. Agora vem a parte mais difícil, a paciência de esperar e a angústia do imobilismo.

No dia seguinte observo atentamente meus cinco pacientes, converso com eles, na tentativa de apreender mais informações. É um diálogo difícil, sofrido. Crêem que vão morrer, mas eu me esforço para passar-lhes a minha energia positiva, minha crença na matéria homeopática.

No dia seguinte dois pacientes meus morrem, e o mesmo acontece com os de Irene. Pobre jogo, lugubrememente empatado. Encontramo-nos no corredor, e, subitamente, ela me abraça. Posso sentir a sua dor, e isto estabelece uma comunhão instantânea com meus sentimentos.

Vamos juntas conhecer o mundo que nos hospeda: ruas muito limpas e retilíneas, permanentemente varridas. Povo alegre, sem chegar a ser efusivo, por causa da epidemia. É um planeta onde a vida se faz muito dura. Quando os primeiros colonos chegaram a este quarto planeta em órbita de Aldebarã, encontraram pouca vida nativa. A enfermeira chefe, cujo nome é Sofia, apresenta-nos sua totalidade: três espécies de animais, um roedor que se parece demais com nossos ratos, um marsupial de lindo aspecto e um pequeno felino de hábitos selvagens, carinhosamente chamado de gatico. Quanto às espécies vegetais, a variedade é semelhante: uma trepadeira de grandes folhas verdes, semelhante à hera, que se espalha por entre os interstícios que encontra; uma árvore frondosa, como um baobá, com pequenas folhas leitosas e um lenho poroso, que cede alguns milímetros ao nosso toque apertado; e uma flor, semelhante a um girassol, mas de pétalas vermelhas e miolo formado de sementes oleagionosas, comestíveis. Tento apanhar um, mas Sofia não deixa. Explica que a flor possui pequenos espinhos ciliares, que provocam coceira e ardor em quem os colhe. Seu nome é bastante poético, provavelmente batismo de algum português perdido neste planeta longínquo: Saudades d'terra.

Visitamos uma família local, com crianças encantadoras de 4 e 6 anos de idade. Tanto para mim como para Irene é uma oportunidade reparadora, precisamos do contacto de pessoas vivendo vidas normais para que possamos nos centrar em nossos objetivos primordiais. A sala antisséptica de um médico à bordo de uma nave nada mais é que uma jaula onde se prende o conhecimento e despreza-se a felicidade. Tenho isto claro.

Quando voltamos, novas más notícias são-nos dadas. Mais pacientes pioraram, entraram na fase terminal. Sinto-me desesperançada, vou ao meu quarto para chorar sozinha. Algum dia um professor me ensinou que um médico nunca deve se deixar contaminar pelas emoções, coisa que particularmente não acredito. É dela que brotam o desejo de curar e a inspiração.

Durante horas olho para o teto e sua lâmpada fluorescente, passando a limpo meus erros. E então, subitamente a verdade aterra aos meus olhos e me sinto estúpida e feliz. A solução está cristalina como um citrino irradiado que ganhei de meu avô quando tinha 12 anos, e que trago ainda no bolso esquerdo da minha calça.

Comunico ao Conselho minha sugestão, que é aprovada para experiência de imediato. Com minhas mãos preparo o medicamento, na dinamização proposta. Novo grupo de cinco pacientes inicia o tratamento.

Na manhã seguinte, junto com a morte de mais dois internos do grupo antigo, tenho a confirmação do caminho certo; os novos pacientes, tratados com o novo medicamento, tiveram uma recuperação incrível, de prostrados que estavam, mostram-se falantes, animados. A notícia corre a nave, talvez até o planeta.

Irene vem ao meu consultório. Para minha última e completa surpresa, ela me abraça novamente. É visível sua alegria. A morte dos pacientes, vista assim de tão próximo, amadureceu. Reconciliamo-nos de forma definitiva. Agora somos uma equipe médica, cingidas que fomos pela humildade. A dela, por não ter encontrado o remédio correto. A minha, por ser obrigada a mudar meus métodos.

Ainda com suas duas mãos segurando as minhas duas mãos, ela indaga: - Qual foi o medicamento aplicado?

E eu respondo: Estava aqui o tempo todo, Irene. É tão óbvio: Saudades d'terra. Quinta dinamização centesimal.

## Às Mãos do Ídolo

Ricardo Christie, Carlos Orsi Martinho e Ricardo Madeira

Apesar da turbulência inesperada sobre o Atlântico e da chuva fina que caía em Guarulhos, o voo Lisboa-São Paulo chegou a Cumbica pouco antes da uma da manhã, horário local -- dentro do previsto. No entanto, já eram quase duas da madrugada quando Ricardo conseguiu, finalmente, pegar sua mala na esteira de bagagem. Um funcionário sonolento explicou que outro voo, vindo do Canadá, havia chegado quase ao mesmo tempo que o avião de Portugal. As bagagens tinham se misturado, daí a confusão.

A mala de Ricardo era de um verde vistoso, fácil de se ver à distância. Plástico rígido que parece irradiar luz própria. Sentindo uma gota extemporânea de suor frio a lhe cair colarinho adentro, o jovem antropólogo imaginou se a peça que estava contrabandeando, embrulhada em um emaranhado de roupa suja, não teria algo a ver com isso.

Claro que não. Era só tinta fluorescente. Usada pelo fabricante para que o proprietário não perdesse a mala de vista em situações como esta.

Quando finalmente conseguiu avistá-la, Ricardo teve que enfrentar a multidão que se acotovelava junto à esteira, e depois teve que arrastar o volume até o carrinho. Por um instante, contemplou a possibilidade de visitar o *free-shop*. Seria de se esperar, não? Contrabandistas, afinal, são pessoas tensas, que querem passar logo pela alfândega. Só gente inocente vai ao *free-shop*.

Comprou uma garrafa de conhaque Napoleon, duas barras de chocolate suíço e três latas de mistura escocesa para tachimbo. Teve de se conter para, num acesso de ansiedade, não gastar ainda mais dólares em brinquedos para o filho que não tinha, cosméticos para uma mulher que nunca viu e equipamento para computador que não saberia usar.

*Pare com isso*, ordenou a si mesmo.

Depois do *free-shop*, a alfândega. Nada muito organizado, apenas uma mulher gorda num vestido que já viu melhores dias, ladeada por dois sujeitos em uniformes que lembravam os de guardas de trânsito. A fiscal olhou para a etiqueta da TAP grudada na mala, ainda da viagem de ida, com as letras PTO, "Porto". Depois a mulher viu o saquinho de papel do *free-shop* e, sem se dar ao trabalho de olhar direito para o rosto de Ricardo, deu de ombros:

-- Vindo de Portugal? Pode passar.

*Só falta ela dizer: "Ninguém nunca traz nada de perigoso de Portugal".*

Já estava bem acomodado no banco traseiro do táxi quando, finalmente, explodiu em gargalhadas.

As avenidas de São Paulo têm tráfego fácil durante a madrugada, e o táxi percorreu o trajeto sem demora. Mais tempo Ricardo gastou para encontrar troco para o taxista, acordar o porteiro do prédio (que tinha de liberar a trava eletrônica do portão) e para arrastar a mala pelos três degraus de granito que davam acesso ao saguão do elevador.

Às quatro horas da manhã, com uma taça de conhaque cheia até a borda na mão, cachimbo fumegante na boca, pele úmida cheirando a sabonete, e vestindo apenas o roupão de banho que comprou no hotel em Lisboa, Ricardo finalmente desfez o bolo de roupas sujas e contemplou o objeto que o fez sair às pressas de Portugal.

Era um pedaço de pedra marrom, opaco, mas que, paradoxalmente, parecia conter uma chama, um brilho próprio -- como as "estrelas" às vezes encapsuladas em diamantes e safiras. E, no entanto, não se trata de um cristal, mas de uma pedra marrom. Opaca.

E esculpida.

Tratava-se, ao que tudo indicava, de um fragmento da metade superior de uma estátua, ou um ídolo. O dono anterior da peça dissera tê-la adquirido de pescadores da ilha de Timor, durante uma das muitas missões luso-brasileiras para ajudar na construção de um Estado nacional em Timor Leste.

A escultura, como quase toda arte nativa das ilhas do Pacífico, tinha um quê de grotesco, ao menos quando vista por olhos ocidentais. Neste caso, tratava-se de uma cabeça -- talvez de um peixe particularmente feroz. Não exatamente um tubarão, pois o escultor deixara marcas na pedra representando escamas e espinhas perfeitamente visíveis. Nada a ver com o perfil elegante e econômico dos tubarões. Era algo que fazia Ricardo pensar em piranhas, ou nos peixes venenosos do Caribe. Talvez houvesse espécies semelhantes no Pacífico, quem sabe?

No entanto, o restante do fragmento depunha contra a idéia de que pudesse ser uma escultura representando um modelo real. Porque, mais abaixo, os espinhos começavam a dar lugar a entalhes na pedra que só podem ser interpretados como *pêlos*; e pouco antes da fratura que partiu a estátua, havia duas pequenas, porém inconfundíveis, *mãos*. Não mãos humanas, mas algo que lembrava as patas dianteiras de alguns roedores ou marsupiais.

Não obstante, *mãos*.

Esses detalhes fascinavam Ricardo, certamente, mas havia nela qualquer outra coisa inqualificável...

Pousou a peça sobre as roupas amarfanhadas da mala e deitou-se na cama novamente, fitando o teto. Lembrou-se do *quanto* a peça o atraiu na primeira olhadela, aprofundada depois num estupefato exame. Procurou gravar na retina os detalhes da peça, para se recordar mesmo quando estivesse longe dela. E já desde o primeiro momento, não quis ficar longe. Alguma coisa no interior da peça, talvez aquela aura

invisível de portento, de ancestralidade, tinha uma empatia toda especial com Ricardo. A peça, digamos, caía-lhe bem. O jovem tinha certeza disso. E teria de ser sua.

Sua obsessão por coisas antigas vinha já de muito antes da faculdade de Antropologia, mas nunca sentira uma atração tão avassaladora, tão... *egoísta*.... por um único objeto. Ricardo viajara a Portugal a convite de um colecionador. O objetivo era avaliar uma partida de peças que seria adquirida de uma galeria de arte no Porto. Enquanto passava os olhos por sucessivos ídolos sem graça, criados por um sem-número de aldeões do Sudeste Asiático, e tomava notas numa planilha, percebeu a escultura *antes* de efetivamente *olhá-la* pela primeira vez. Era como se o ídolo sussurrasse em seu ouvido... Loucura, certamente, mas o fascínio nasceu aí e não mais o abandonou.

Seu empregador não lhe dera autoridade para encaixotar as peças e trazê-las. Seu trabalho era meramente o de conferir a procedência e de quando em quando, auferir a idade de uma ou outra peça para confrontar o galerista e forçá-lo a cobrar um preço menor. Ricardo era bom negociante. herdara o traço do pai, que possuiu a maior loja de móveis de Sorocaba nos anos 60. Hoje em dia o filho culto mesclava o talento inato com um olho clínico, afiado nos laboratórios de paleologia artística. Em seu dia-a-dia no trabalho, oferecia um bafejar de legitimidade àquele comércio questionável de arte antiga.

Belo pesquisador havia saído...

Procurando se desviar de sua autocrítica, Ricardo resumiu mentalmente os fatos recentes. Com a avaliação no Porto concluída, decidiu que esta peça ficaria com ele. O velho Heifetz que se contentasse com o restante.

Virou o conhaque num rompante, contorceu o rosto num esgar de queimação interior, e pousou o copo vazio sobre a mesinha de cabeceira. O judeu não aceitaria a perda. Talvez o procurasse para exigir a devolução do fragmento de estátua. Mas foi Ricardo quem o comprara; o dinheiro não viera de Heifetz e portanto este não poderia exigir nada. Bem, na verdade não houve dinheiro algum. Foi apenas uma negociação verbal que se tornou uma discussão acalorada, culminando na exigência de levar a peça para um exame.

Talvez o galerista português recuasse na permissão para realizar o exame da peça. O melhor era mesmo antecipar o embarque.

Seria possível que alguém pensasse em roubo? Não, que idéia. Só porque não levava a peça à universidade em Lisboa, tendo ao invés embarcado com ela para o Brasil? De qualquer modo agora estava a salvo. E tinha a certeza de poder negociar por fax para ficar com a peça em definitivo. Rubricara um recibo, sim, com garranchos que nada tinham a ver com sua própria assinatura.

Roubo. Era só o que faltava. Contrabando, sim, já que não fizera nenhum registro na Receita Federal... Mas roubo... absurdo...

Fechou os olhos e mergulhou de imediato numa treva única, calorosa e agitada.

Ricardo era agora arrancado de um sonho acalentador nos braços de uma moça pela cançãozinha estridente do telefone celular. Afastou as teias de aranha das pálpebras e lembrou-se com esforço: quem tinha aquele número? Atendeu sabendo o que esperar:

-- Olá, Heifetz.

-- Saudações, viajante! Recebi seu relatório pelo Fedex. Nesse ponto você fez um bom trabalho, devo dizer.

-- Chefia, eu estou podre. Dá para me ligar mais...

-- Ricardo, eu estou seriamente preocupado com sua conduta profissional. O que você fez não foi bom. Nada bom. Exigir aos gritos a posse do ídolo de Sumatra, para exames de datação, e ainda por cima empurrando meu nome?

-- O sujeito estava tentando enrolar a gente, Heifetz...

-- Meu rapaz. Conheço Bráulio Novais Carneiro há quinze anos. É um osso duro de roer, mas é dono de reputação ilibada. Ilibada, entendeu? E você questionou a palavra dele, ainda por cima dando a entender que *eu* tinha exigido o tal exame. Onde você estava com a cabeça, antropólogo?

-- Heifetz, o sujeito cedeu. Tive de ser mais duro do que na média das vezes, mas pelo menos você vai poder olhar a peça que eu trouxe antes de fechar o negócio -- Não. Não podia ter dito isso.

Tarde demais:

-- Ah, eu soube -- e Heifetz abriu um sorriso audível mesmo com a chiadeira do celular. Estaria no carro? Que horas seriam? Seis da manhã? -- Até que gostei dessa história de você trazer a peça. Mas deixe eu entender uma coisa, Ricardo: por que *essa* peça, especificamente?

Ficava pior a cada instante.

-- Só uma idéia que tive lá. Queria checar uma coisa. Eu gostaria de ficar com ela por um tempo e...

-- Olhe. Vamos conversar. Venha ao meu apartamento em Higienópolis. Esta noite, sete e meia, OK?

Ricardo suspirou. O comerciante de arte interpretou a hesitação soprada como o fechamento de um acordo. Sem volta.

-- Não esqueça a peça -- e desligou.

O sono veio rápido, depois de Ricardo ter tomado uns comprimidos para as náuseas que lhe entornavam o estômago. Nessa altura, o Sol já ia alto.

Era o mesmo sonho de antes, com a diferença que desta vez, a garota falou. Ricardo se encontrava novamente nas trevas da floresta tropical, prisioneiro do ar úmido e quente. Não havia luar, mas Ricardo

enxergava um pouco: as folhas das plantas emitiam uma leve fluorescência esverdeada, o que lhe permitia estimar distâncias e posições. Mais uma vez via o vulto feminino recortado contra o brilho da folhagem.

Ela saiu do meio da vegetação, envolta nos mesmos tentáculos de névoa que se esgueiravam em meio às árvores e arbustos. Era um pouco mais baixa que Ricardo, mas a cor do cabelo era igual. Escuro como a noite.

A moça aproximou-se até poder acariciar o peito de Ricardo com as mãos. Ele permaneceu absorto em descortinar as feições do rosto dela.

-- És um de nós, agora -- disse ela, e aproximou a sua face da dele.

Os olhos dela brilharam por um mero instante, iluminando as órbitas, e ela pousou a mão no rosto do rapaz.

*És um de nós, agora.*

Acordou com o vômito querendo subir pela garganta. Saiu da cama e cambaleou até ao banheiro. A luz fluorescente piscava ainda quando ele entrou, dirigindo-se diretamente ao vaso sanitário. Num refulgir da lâmpada, viu de relance seu reflexo no espelho acima da pia. Algo no modo súbito como surgiu aquele vulto, que não havia estado ali no clarão de luz anterior, assustou Ricardo o suficiente para o seu coração hesitar entre uma batida e outra. O tapete escorregou por debaixo de seus pés descalços e Ricardo caiu. Sua cabeça bateu com violência na borda da pia.

Desmaiou.

Matar Heifetz nunca estivera nos seus planos. Foi algo que simplesmente aconteceu.

O velho estava esperando, na sua cadeira de rodas. Quando Ricardo entrou na sala, que pelo tamanho bem podia ser um salão de baile, Heifetz veio prontamente em sua direção, o motor elétrico da cadeira zumbindo baixinho. Tanta impaciência não lhe era costumeira.

*Ele sabia. O velho sabia.*

-- Já estava pensando mandar alguém buscá-lo, Ricardo.

Ricardo chegara atrasado. Eram quase nove, e o céu já escurecera outra vez.

-- Por que os óculos de sol, meu rapaz? Por acaso tem luz demais aqui?

Não havia fonte de luz além de uns candeeiros difusos bem posicionados na sala. As cortinas das janelas panorâmicas estavam fechadas.

-- Tive um pequeno acidente no banheiro, chefia -- e Ricardo virou a cabeça para mostrar o inchaço que se espalhava pela maçã do rosto, até se esconder debaixo das lentes negras dos óculos. A carne estava ficando roxa, e a pele, descamada.

Sob o olhar pesado de Heifetz, Ricardo pôs o embrulho em cima de uma das mesinhas de madeira trabalhada. Depois caminhou até uma das poltronas de cabedal e sentou-se, sem esperar convite. Estava irritado e confuso. O interior da sua cabeça parecia água fervendo.

-- Vejo que a viagem a Portugal piorou as suas maneiras -- disse o velho -- Estou desiludido com você, Ricardo. Você sempre foi um bom garoto, que cumpria as ordens direitinho. Por que sair de Portugal às pressas, como se fosse um bandido? O que você está escondendo?

-- Nada, Heifetz -- Ricardo ajustou sua posição. Apesar de chamativa, a poltrona não era muito confortável. -- Apenas pensei que essa peça fosse parte de um ídolo desaparecido há muitos anos. Algo muito valioso.

-- O tal Ídolo de Sumatra que o Bráulio mencionou? -- disse Heifetz, agora avançando gulosamente rumo ao embrulho sobre a mesinha. -- Esse seria realmente uma preciosa adição à minha coleção!

-- Bem dito, chefe. "Seria". Mas essa coisa aí -- disse Ricardo enquanto observava Heifetz desfazer o pacote -- não vale mais do que um peso de papéis. É apenas artesanato local, e ainda por cima está quebrado. Pra falar a verdade, eu lamento por decepcioná-lo. Devia ter estudado melhor a peça antes de trazê-la. Assumo total responsabilidade perante o Bráulio, e pago por ela o preço que ele estipular, do meu bolso.

Heifetz libertara a peça do embrulho e segurava-a diante dos olhos, tentando distinguir detalhes à luz suave.

-- Ricardo, Ricardo... -- e Heifetz abanava a cabeça. Havia um brilho nos seus olhos; algo como divertimento. -- Bráulio me contou tudo, rapaz. Sobre o dono anterior da peça. Sobre Sumatra. Está querendo me dizer que três batalhões do Exército Indonésio passaram anos vasculhando Timor em busca dessa pedra, a troco de nada?

-- Eu conheço a história, chefia. Ouvi do Bráulio, tal como você. Duvido que o arqueólogo que originalmente encontrou a peça em Sumatra tivesse conseguido escondê-la do governo de Suharto durante todos esses anos. Vai ver, Bráulio inventou a história toda só para sacar mais algum dinheiro...

-- Bráulio e eu negociamos há quinze anos, moleque. Ele pode enganar turistas que entram na loja procurando peças de artesanato e *souvenirs*, mas ele não é trouxa de enganar colecionadores sérios. Você deveria ter mais respeito por um homem da reputação dele. Se ele diz que o arqueólogo esteve todo esse tempo escondido nas selvas do Timor Leste, e que essa era a pedra que transportava quando foi morto pelas milícias pró-Indonésia, então eu acredito na história, porque tenho confiança em Bráulio Novais Carneiro. Mais do que tenho em você, se quer saber.

-- Eu... -- Ricardo não acabou a frase. A dor de cabeça atacava de súbito, mais forte que das outras vezes. Apertar as têmporas com as mãos foi a única solução que Ricardo encontrou para diminuir a sensação de que seu crânio explodiria.

-- Você está me tentando passar a perna, garoto -- regressou Heifetz ao ataque. -- É isso, não é?

-- Eu...

-- Não sei pra quem você planejava vender a peça, mas ela é minha. Você receberá a sua comissão habitual, o que é mais do que você merece neste caso. Considere-se com sorte de eu ter acertado a situação com Bráulio. Se ele espalhasse por aí que você tinha roubado essa coisa, a sua *vida* não valeria nada!

-- A peça... é minha...

-- Nada! -- repetiu o velho lentamente, sem lhe dar ouvidos. Um esgar sinistro surgiu na face enrugada. -- Não valeria *nada*. Você está me escutando, moleque? Dizem que esta pedra pertenceu a uma tribo perdida. Nativos que viviam rodeados por jade, ídolos de jade, florestas de jade! O oceano brilhava para eles, como se as areias estivessem cobertas de pérolas! Esta pedra esculpida, este ídolo... é a chave para encontrar a riqueza perdida deles... E agora -- proferiu o velho, após uma pausa -- *a chave é minha*.

-- O ídolo -- murmurou Ricardo -- é meu...

-- "Seu" uma ova, seu safado! É assim que você me paga? Ao fim de todos estes anos? Quem empregou você? Quem tirou o seu pai da sarjeta? Ora, você seria um... um ladrão de rua se não fosse o dinheiro que eu emprestei pra seu pai para ele abrir negócio!

A mente de Ricardo encheu-se com a visão inesperada do ídolo, não a cópia nas mãos de Heifetz, mas o ídolo original, esculpido em rocha marrom e escondido pela folhagem densa e fluorescente.

-- Mau pai... ele pagou toda a dívida... até o último centavo!

-- Seu pai era um fraco, tal qual você. Sabe quem ele era? Um homem que engravidou uma índia de catorze anos, e um ano depois foi até casa onde ela morava com a avó para comprar o bebê. Para comprar você, moleque -- o velho judeu riu ao perceber a expressão aparvalhada de Ricardo -- Você não sabia? Aposto que o velho safado foi para a cova levando o segredo!

-- Não! Não é verdade!

-- Oh, sim, meu caro. Pode acreditar. Ele sempre gostou de garotinhas. Mas vê lá se o orgulho dele deixaria uma família de índio selvagem tomar-lhe o filho... nunca!

E Heifetz virou-lhe as costas, pondo a cadeira em movimento. Rindo em alto e bom som:

-- Ah, ah, ah! Não o seu velho papai, oh, não! -- o velho gargalhava. -- Sempre o eterno santo!

Num só movimento, Ricardo levantou-se da poltrona e avançou até Heifetz. Percebendo a aproximação, o velho voltou a cabeça no instante em que Ricardo caía sobre ele como um animal selvagem. A cadeira elétrica tombou violentamente.

-- Você me paga, velho! -- berrou Ricardo, esmurrando o paraplégico. -- O ídolo é meu!

Agarrando a cabeça do velho nas suas mãos, Ricardo forçou-a contra o chão. Heifetz ainda tentou libertar-se, usando os seus braços frágeis para afastar o atacante. A única coisa que conseguiu foi fazer cair os óculos de Ricardo.

-- Meus Deus, *seus olhos!* -- gritou Heifetz ao ver a mesma coisa que Ricardo vira naquele breve relance no espelho do banheiro. Foram as últimas palavras inteligíveis do velho colecionador. Depois apenas berrou e guinchou como um animal, enquanto o seu corpo se contorcia e Ricardo esmagava o seu crânio contra o chão, várias vezes, fazendo o sangue fluir pelo piso de madeira.

Estava acabado. Dois seguranças já entravam correndo na sala. Um deles parou diante de Ricardo, deu uma boa olhada nele e saiu rápido, sabendo que o seu patrão estaria além de qualquer de proteção.

O outro segurança disparou duas vezes o revólver antes que Ricardo chegasse até ele, rápido como um felino. Derrubou o guarda-costas como uma locomotiva a toda potência. A cabeça do homem rachou contra o chão, fazendo um ruído nauseabundo.

Baleado, Ricardo deixou-se escorregar para o chão, largando o corpanzil inerte. As horas passaram.

E mais horas passaram, mas ninguém veio. A noite já caíra outra vez; era hora de ir embora. O lugar de Ricardo não era mais a cidade. O perigo, o pânico e a adrenalina aceleraram a transformação. Já não pensava apenas como um ser racional; tornara-se mais do que um criminoso. Era um animal determinado a sobreviver na periferia da civilização.

*És um de nós, agora.*

Urrou para espantar a dor que crescia em seu corpo, libertando-se da prisão de trapos que outrora tinha sido uma fina roupa social. Levou as mãos ao rosto, à face que sentia distendida, rugosa, coberta pelo sangue coagulado das primeiras vítimas.

Foi então que olhou para suas próprias mãos.

Às pressas, limpou-as naquilo que resta das suas calças, colocando-as diante dos olhos. Viu o que já esperava: duas pequenas mãos a cada momento *menos humanas*; algo que lembrava as patas dianteiras de alguns roedores ou marsupiais.

Não obstante, as *suas* mãos.

## Prêmio ARGOS 2001

No embalo do sucesso da primeira edição do Prêmio ARGOS, que premiou em 2000 as obras publicadas em 1999 mais votadas pelo fandom, o CLFC vem agora novamente incentivar os escritores lusófonos de de FC com a segunda edição deste que prêmio, que inovou entre nós, tanto pela forma de escolha como pelo fato de contemplar troféus e dinheiro (bem, reais...). Sobre ele escrevem o Presidente do Clube e o Carlos Martinho:

Prezados Sócios:

Abriu hoje (16/6/2001) o período de indicação de concorrentes para o Prêmio Argos 2001. Esperamos que os sócios participem maciçamente deste evento. Primeiro na fase da indicação e, depois, votar no trabalho e na publicação de sua preferência dentro das listas de indicados que divulgaremos oportunamente. Indicar é fácil: qualquer sócio do CLFC pode fazer cinco indicações dos melhores trabalhos ficcionais de FC, fantasia, horror ou fantasia publicados no ano 2000 e das cinco melhores publicações destes gêneros que foram lançadas ou circularam no ano passado. A indicação pode ser feita verbalmente, por telefone, por e-mail [[clfc@unisys.com.br](mailto:clfc@unisys.com.br)], carta [Cx. Postal 34071 - Rio de Janeiro - RJ - 22462-970], ICQ [34894301] ou qualquer outro meio que o sócio puder imaginar (*N.E.: presumo que telepatia não vale, dado à dificuldade de se documentar o voto...*). Pode ser entregue aos representantes do CLFC nas reuniões mensais do Clube em Sampa ou no Rio. A Diretoria organizará as listas dos indicados e anunciará oportunamente os concorrentes que deverão ser votados nas duas categorias. Os regulamentos serão publicados nos fanzines e também está a disposição do sócio tanto na homepage do CLFC quanto no site da lista dos sócios, [lista-do-CLFC@yahoo.com](mailto:lista-do-CLFC@yahoo.com). Mas, de qualquer forma, para adiantar, vamos relembrar os pontos principais:

+ O Argos 2001 premia os melhores de 2000. Assim, indique naqueles trabalhos e publicações que você considerou os melhores no ano passado.

+ A bem da transparência, tanto as indicações quanto os votos são abertos. A Diretoria manterá o registro das indicações e dos votos para qualquer sócio que quiser consultar.

+ Nesta fase inicial de indicações, convém ressaltar que, se outro sócio indicar um trabalho ou publicação que você pretendia indicar, o trabalho ou publicação JÁ ESTÁ INDICADO, não havendo necessidade de você indicá-lo novamente. Você pode guardar sua indicação para um outro trabalho/publicação que você julga merecedor. É claro que não é proibido indicar trabalhos já indicados, só que equivale a mandar entrar quem já está dentro...

+ Não podem concorrer ao Argos: o \*Somnium\*, por ser o órgão oficial do CLFC, e os trabalhos dos membros da comissão organizadora do prêmio (Gerson Lodi-Ribeiro, Humberto Fimiani e Matias Perezoli).

+ O sócio não pode indicar seus próprios trabalhos ou as publicações das quais seja autor ou editor.

+ Concorrem apenas publicações e trabalhos de ficção escritos originalmente em português. Isto quer dizer que vale votar num conto publicado em Portugal, mas não vale votar num trabalho traduzido.

+ E, por último, sem a mínima intenção de fazer lobby, e muito menos de apresentar relações exaustivas, relembro alguns trabalhos notáveis publicados em 2000: contos das antologias Phantastica Brasileira e Intempol; contos da edição especial do Megalon; das outras edições do \*Megalon\* e também do \*Somnium\*; as novelas \*Terra Verde\* de Roberto Causo e \*Síndrome de Quimera\* de Max Mallmann; contos das coletâneas da coleção Terra Incognita; contos publicados na revista \*Quark\* ou na coletânea \*Quatro Andamentos\* do Luís Sequeira. Publicações notáveis seriam: \*Hiperespaço\*; \*Intempol\* (antologia); \*Phantastica Brasileira\* (antologia); \*Megalon\*; \*Paradoxo\*; \*Quark\*; \*Sci-Fi News\*; \*Viagens\* (antologia), etc, etc, etc. Prestigiem esta iniciativa do CLFC. Custa muito pouco e significa muito para quem está se esforçando em prol desta iniciativa. Contando com o apoio de todos, um abraço!

GersonLodi-Ribeiro - Comissão Organizadora do ARGOS 2001

Completando com o que me vêm à mente:

E também o material lançado pela Writers, como a antologia do Fábio Fernandes (\*Interface com o Vampiro\*), os trabalhos da Martha Angel (como a coletânea \*Lugar de Mulher É na Cozinha\*) e a antologia de contos da revista \*Quark\*. (Carlos O. Martinho)

## Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros de FCF&H !

### Astaroth

Editor : Renato Rosatti. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações (4 págs./A5)  
R. Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo / SP CEP 04772-070.

### Hiperespaço

Editores : Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica: contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação (20 págs. / A5).  
Cx..Postal 375, Santo André / SP CEP 09001-970

### Hipertexto

Editores : Carlos André Mores e Roger Trimer. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela UFSCar.  
Contos, artigos e poesias (50 págs. / mag). R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

### Informativo Perry Rhodan

Editor: Daniel dos Santos. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos.(12~16 págs./A5). Rua André Marques, 209/09 Santa Maria / RS CEP 97010-041.

### Intrepid

Editor : Fábio Barreto. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas* (20 págs. / A4, capa em cores)  
R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo / SP CEP 08290-000.

### Juvenatrix

Editor: Renato Rosatti. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos (20 págs. / ofício / 3~ 4 ed. por ano)  
R. Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo / SP CEP 04772-070.

### Megalon

Editor: Marcello Simão Branco. O mais premiado fanzine brasileiro de FC&F : contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. (30~40 págs. / ofício / 5 ed. por ano) Av. Clara Mantelli, 110 São Paulo / SP CEP 04771-180

### Notícias... do fim do Nada

Editor : Ruby Felisbino Medeiros. Contos, artigos, desenhos de FC&F (arte), catalogografia, memória de FC e listas de livros (34 págs. / A4 / trimestral) R. Comendador Azevedo, 506 Porto Alegre / RS CEP 90220-150

### Brief News

Editor : Alexys B. Lemos. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. (10 págs. / A4 / trimestral)  
Cx. Postal 129, João Pessoa / PB CEP 58001-970.

### Suplemento de Ficção Científica

Editor : Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

### Fábrica de Fanzines

Editados por Roberto de Sousa Causo

R. André Dreifus, 109/163 Bloco 2 São Paulo / SP CEP 01252-901 e-mail : [berserker@dks.com.br](mailto:berserker@dks.com.br)

**Biblioteca Essencial da FCB** : série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

**Borduna & Feitiçaria** : O único fanzine dedicado à fantasia heróica, arturiana e medieval, traz em seu nº 10 ilustração de Edgard Guimarães, conto inédito de Roberto S. Causo, artigo inédito de Bráulio Tavares, resenhas por Finísia Fideli e Caio Bezarrias e a coluna "Cinema Fantástico", falando do filme *O 13º Guerreiro* (16 págs. / A4). *Apenas R\$ 3,00*

**Brazuca Review** : Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos (22 págs. / A4).

**Diário do Fandom** : Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F (8 págs. / A4 / trimestral).

**Papêra Uirandê Especial** : Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior (36 págs. / A4).

**O Rhodaniano** : Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan* (12 págs. / A4)